



INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

A presença de música de língua cabo-verdiana em Portugal e a sua integração no contexto cultural português: Protagonistas, públicos e contribuições

Beatriz Lopes Amaral

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientador:

Doutor José Soares Neves, Investigador Integrado e Professor Auxiliar
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023



SOCIOLOGIA
E POLÍTICAS PÚBLICAS

Departamento de História

A presença de música de língua cabo-verdiana em Portugal e a sua integração no contexto cultural português: Protagonistas, públicos e contribuições

Beatriz Lopes Amaral

Mestrado em Estudos e Gestão da Cultura

Orientador:

Doutor José Soares Neves, Investigador Integrado e Professor Auxiliar,
ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2023

Aos meus pais e irmão

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos aqueles que me são queridos e que me acompanharam neste percurso. Primeiramente, aos meus pais, ao meu irmão, ao Tyson, ao meu namorado e aos meus amigos. Quero também agradecer à minha restante família e, em especial, ao meu avô Ramiro, que além de uma inspiração, sempre nos incutiu a importância e o valor do trabalho. Candidato ao prémio de Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa em 2008, emigrou para Cabo Verde e proporcionou-me conhecer esta terra de ‘morabeza’ e cultura desde cedo. Agradeço também a todas as pessoas que contribuíram para este estudo, nomeadamente, aos 204 inquiridos, ao Djodje, ao Landim e, em especial, ao meu orientador, José Soares Neves.

Resumo

A presente dissertação visa compreender a forma como a música de língua cabo-verdiana, especialmente a que não é considerada originária do arquipélago, se encontra integrada e popularizada no contexto cultural português. Assim, os objetivos passam por identificar os principais géneros musicais de língua crioula cabo-verdiana popularizados no contexto cultural português, assim como as identidades artísticas que contribuíram para este fenómeno, mas também por caracterizar os públicos consumidores deste tipo de música e o contexto em que o fazem, para que se consiga obter uma perspetiva sobre as razões por detrás do consumo deste tipo de música pelos portugueses, principalmente, quando existem diferenças linguísticas muito significativas.

Assim, através da realização de entrevistas e de um inquérito por questionário online, foi possível perceber que o maior contributo para o fenómeno da popularização da música de língua cabo-verdiana em Portugal é a grande comunidade imigrante cabo-verdiana que, além de numerosa, desde há muito que se encontra presente em Portugal e que traz com ela elementos culturais que se dão a conhecer no país de fixação. Também as plataformas digitais se revelaram importantes ferramentas na divulgação e promoção de música, o que teve um grande impacto na visibilidade da música cabo-verdiana, que já se encontrava de certa forma globalizada devido à grande diáspora cabo-verdiana. Destaca-se, igualmente, os jovens-adultos que, também mais presentes nas redes digitais, são o grande público deste tipo de música e que contribuem para uma contínua agenda musical cabo-verdiana em Portugal.

PALAVRAS-CHAVE: Música, Cultura, Cabo Verde, Integração Cultural, Diáspora

Abstract

This dissertation aims to understand how music in the Cape Verdean language, especially that which is not considered to originate from the archipelago, is integrated and popularized in the Portuguese cultural context. Thus, the objectives are to identify the main musical genres in the Cape Verdean Creole language popularized in the Portuguese cultural context, as well as the artistic identities that contributed to this phenomenon, but also to characterize the public consumers of this type of music and the context in which they do so, so that we can gain insight into the reasons behind the consumption of this type of music by the Portuguese, especially when there are very significant linguistic differences.

Thus, through interviews and an online questionnaire survey, it was possible to understand that the greatest contribution to the phenomenon of popularization of Cape Verdean music in Portugal is the large Cape Verdean immigrant community which, in addition to being numerous, has been present in Portugal for a long time and brings with it cultural elements that are known in the country of settlement. Digital platforms have also proven to be important tools in the dissemination and promotion of music, which has had a major impact on the visibility of Cape Verdean music, which was already somewhat globalized due to the large Cape Verdean diaspora. Also noteworthy are young adults who, also more present on digital networks, are the main audience for this type of music and who contribute to a continuous Cape Verdean musical agenda in Portugal.

KEYWORDS: Music, Culture, Cape Verde, Cultural Integration, Diaspora

Índice

Agradecimentos	iii
Resumo	v
Abstract	vii
Introdução	1
Capítulo 1. Revisão de Literatura	5
1.1. Cabo Verde e a Diáspora Cabo-Verdiana	5
1.2. Campo Musical Cabo-Verdiano	7
1.3. Contexto Histórico entre Portugal e Cabo Verde	12
1.4. A Presença Cabo-Verdiana em Portugal	15
1.5. Campo Musical cabo-Verdiano em Portugal	19
Capítulo 2. Metodologia	25
2.1. Entrevistas	26
2.2. Inquérito por Questionário Online	27
Capítulo 3. Apresentação e Discussão de Resultados	29
3.1. Dados Obtidos Através das Entrevistas	29
3.2. Dados Obtidos Através do Inquérito por Questionário Online	31
Conclusões	43
Referências Bibliográficas	47
Webgrafia	49
Anexos	51
Anexo A - Entrevista com Djodje	51
Anexo B - Entrevista com Landim	53
Anexo C - Inquérito sobre consumos da música de Língua Cabo-Verdiana em Portugal	56

Índice de Gráficos

Gráfico I - Quantidade de amigos de nacionalidade cabo-verdiana

Gráfico II - Contexto dos primeiros contactos com a música de língua cabo-verdiana

Gráfico III - Frequência de consumo de música de língua cabo-verdiana

Gráfico IV - Contexto do consumo de música de língua cabo-verdiana

Gráfico V - Géneros contribuintes para o aumento do consumo da música de língua cabo-verdiana em Portugal

Gráfico VI - Quantidade de artistas cabo-verdianos mencionados

Gráfico VII - Locais de consumo de música de língua cabo-verdiana ao vivo

Gráfico VIII - Idade dos inquiridos familiarizados com a música de língua cabo-verdiana

Gráfico IX - Residência dos inquiridos familiarizados com a música de língua cabo-verdiana

Índice de Quadros

Quadro I - Comparação entre os inquiridos que já visitaram Cabo Verde e os que não

Introdução

A duradoura e íntima relação entre Portugal e Cabo Verde, assim como a significativa comunidade de imigrantes cabo-verdianos¹ presentes em Portugal, fez com que a cultura do arquipélago se começasse a fazer sentir no nosso território nacional, principalmente em Lisboa, onde existem cada vez mais locais de restauração típica cabo-verdiana, onde a língua cabo-verdiana se faz ouvir nas ruas portuguesas, assim como a sua música que marca cada vez mais a sua presença no contexto cultural português, nomeadamente, nas rádios, em festivais, concertos, bares, restaurantes, etc.

De acordo com Monteiro (2009), “A música, através dos seus mais variados géneros e formas, representa seguramente a dimensão mais importante desta diversificada população imigrante, juntamente com a língua cabo-verdiana” (p. 3). Neste sentido, e como mencionado, tanto a língua, como a música cabo-verdiana encontram-se presentes de forma significativa em Portugal, delineando inclusive uma possível moda urbana. No entanto, o fenómeno da popularização musical de língua cabo-verdiana em Portugal, principalmente, de géneros não tradicionais do arquipélago, é um tema ainda pouco explorado e que gera um grande interesse, pois, apesar de existirem estudos que incidem sobre a comunidade cabo-verdiana em Portugal e as suas práticas, a maioria explora um só género musical cabo-verdiano em território português, como por exemplo, o batuque e o funaná.

Neste sentido, é crucial perceber que identidades e géneros contribuíram para esta popularização da música cabo-verdiana, não originária do arquipélago, no contexto cultural português, assim como perceber quem são os públicos ouvintes deste tipo de música, estar ciente do atual mercado de música cabo-verdiana em Portugal e compreender as principais razões da sua popularidade. Cabe, assim, à etnomusicologia, neste âmbito, compreender os eventos musicais que influenciam e modulam determinado contexto cultural.

¹ Optou-se por utilizar a definição de população cabo-verdiana apresentada por Pedro Góis em *Emigração Cabo-verdiana para (e na) Europa e a sua Inserção em Mercados de Trabalho Locais: Lisboa, Milão, Roterdão*. Lisboa, em 2006, que integra as “pessoas de nacionalidade cabo-verdiana; os indivíduos naturais de Cabo Verde com nacionalidade portuguesa; os indivíduos detentores de outras nacionalidades (e.g. Portuguesa, Holandesa, Italiana, etc.) mas de nacionalidade cabo-verdiana; as pessoas com nacionalidade e/ou nacionalidade de um país terceiro que tenham pais ou avós naturais de Cabo Verde (2.^a e 3.^a gerações); e, ainda, todos os indivíduos que, não possuindo nenhuma das características anteriores (e.g. descendentes de emigrantes a partir da 4.^a geração) por um processo de auto ou hetero identificação se considerem etnicamente cabo-verdianos” (Góis, 2006, p. 19).

Assim, formularam-se questões de partida para a investigação, tendo como questão primária: “De que forma está a música de língua crioula cabo-verdiana, não tradicional do arquipélago, integrada no contexto cultural português e que identidades e eventos contribuíram para o aumento do seu consumo e da sua popularização em Portugal, principalmente, em Lisboa?”; e como questões secundárias: porque é esta se popularizou em Portugal, principalmente tendo em conta as significativas diferenças linguísticas (porquê?); que géneros de música contribuíram para essa popularização (o quê?); quais são os locais onde se consome este tipo de música ao vivo (onde?); e que tipo de público é ouvinte (quem)?

Definidas as questões de investigação, procedeu-se à definição dos objetivos da mesma. Neste sentido, o objetivo principal desta dissertação prende-se em identificar as razões para a popularidade da música de língua crioula cabo-verdiana em Portugal (não tradicional do arquipélago), de forma a compreender a sua popularidade e integração no contexto cultural português. Como objetivos secundários, estabeleceram-se os seguintes: identificar os géneros musicais de língua crioula cabo-verdiana popularizados no contexto cultural português; identificar as identidades artísticas, principalmente, cabo-verdianas que contribuíram para a integração da música de língua cabo-verdiana no contexto cultural português e compreender quais os públicos ouvintes deste tipo de música.

Relativamente à estrutura da dissertação, esta divide-se em 3 capítulos. O capítulo 1 integra o enquadramento teórico e subdivide-se em 5 subcapítulos, nomeadamente, o 1.1 – Cabo Verde e a diáspora, 1.2 – O campo musical cabo-verdiano, 1.3 – Contexto histórico entre Portugal e Cabo Verde, 1.4 – A presença cabo-verdiana em Portugal e, por último, o 1.5 – O mercado musical cabo-verdiano em Portugal. Assim, o capítulo 1.1 integra uma breve apresentação do arquipélago e o contexto da sua colonização, seguido do caráter migratório deste país e a sua importância para economia do mesmo, assim como a diáspora cabo-verdiana e a sua globalização. O capítulo 1.2 aborda a origem do repertório cabo-verdiano, a apropriação de géneros estrangeiros e a delimitação dos géneros musicais cabo-verdianos, aprofundando a questão da *Kizomba-Zouk*, assim como a importância da música em Cabo-Verde. O capítulo 1.3 serve de contexto ao capítulo seguinte, e aborda o contexto histórico entre Portugal e Cabo Verde, mais especificamente, o contexto da imigração cabo-verdiana e as consequências desta relação entre os dois países. No capítulo seguinte, 1.4, aborda-se a comunidade imigrante cabo-verdiana em Portugal, tendo em conta as características da integração desta comunidade em Lisboa, assim como os dados disponibilizados pelas entidades governamentais e a limitação destes, e por fim, Portugal como extensão do arquipélago. O capítulo 1.5 refere-se ao campo musical cabo-verdiano em Portugal e aborda os géneros de língua cabo-verdiana presentes no

país, os contributos para o criação e desenvolvimento de um mercado musical em Portugal e a popularização de géneros que não são considerados tradicionais do arquipélago. O capítulo 2 integra a metodologia que se subdivide entre as entrevistas e o questionário online. O capítulo 3 compreende a apresentação e a análise dos dados obtidos através dos métodos de pesquisa selecionados para o estudo, nomeadamente, o questionário online e as entrevistas com Djodje e Landim. Por fim, a conclusão, que integra um resumo do procedimento seguido, a apresentação dos contributos para o conhecimento originado pelo trabalho e as considerações finais.

CAPÍTULO 1

Revisão de Literatura

1.1 Cabo Verde e a diáspora cabo-verdiana

Cabo-Verde, constituído por um arquipélago formado por 10 ilhas no meio do oceano Atlântico, é um país de escassos recursos naturais e com uma dimensão significativamente pequena com apenas 4033 Km², área esta que representa somente 4.38% do território nacional português (92.152 Km²). A Ilha de Santiago é a de maior dimensão e a que integra a capital do país (Praia), com uma área de 991 Km²², ou seja, cerca de 25% do território cabo-verdiano. Nos dias de hoje, conta com cerca de 491.233 habitantes (Censo de 2021)⁴.

O arquipélago foi descoberto por marinheiros portugueses no século XV e desde aí iniciaram-se as migrações para as ilhas, uma vez que, aquando da descoberta, o território encontrava-se desabitado. Neste sentido, Cabo Verde, devido à sua favorável localização geográfica, acabou por acolher “sucessivos fluxos de colonos, comerciantes e escravos oriundos de diversas latitudes” (Monteiro, 2009, p. 36), pelo que recebeu não só influências portuguesas, mas também de outros países (com alguns dos quais ainda hoje mantêm relações e acordos), o que teve como consequência o encontro de diferentes nacionalidades e culturas (Monteiro, 2009), dando origem à nacionalidade e cultura cabo-verdiana. Assim, Cabo Verde é, desde os seus primórdios, um país de migração:

A emigração é, sem sombra de dúvidas, um dos fenómenos mais antigos e estruturantes da sociedade cabo-verdiana, tanto mais que é a partir de meados do século XV que se inicia a dispersão dos nativos cabo-verdianos, primeiro emigração forçada, através da escravatura e, num segundo momento, emigração espontânea, a partir dos séculos XVIII-XIX (Monteiro, 2009, p. 36),

sendo que a primeira vaga terá sido para a América do Norte, na viragem do século XVII para o século XVIII. Tendo isto em conta, pode-se dizer que Cabo Verde é um exemplo, talvez único, de um Estado que nasce já transnacionalizado” (Góis, 2006, p. 23), dado que é logo após a sua descoberta e povoação que se dá início às correntes emigratórias a partir do arquipélago, sendo, por isso, “uma componente fundamental do sistema identitário cabo-verdiano, bem

² “Cabo Verde” Porto Editora – Infopédia. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$cabo-verde](https://www.infopedia.pt/$cabo-verde)

³ “Cabo Verde” Porto Editora – Infopédia. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$cabo-verde](https://www.infopedia.pt/$cabo-verde)

⁴ “Cabo Verde Aspetos Gerais”, 2023. <https://www.worldbank.org/pt/country/caboverde/overview#1>

como um fator essencial de desenvolvimento, por via das remessas, correspondendo àquilo que se convencionou apelidar de diáspora de trabalho” (Monteiro, 2009, p. 37).

Já estas remessas, tanto como o envio de encomendas (como por exemplo, produtos enviados para comercialização) são importantes contributos para a economia do país. Sandra Veiga também evidencia este aspeto da importância das remessas enviadas para o desenvolvimento económico deste país dado que “poder enviar os apoios para Cabo Verde, constitui um facto do bel-prazer e é um dos objetivos principais nos pressupostos da emigração, de quem emigra” (Veiga, 2012, p. 19) e tendo em conta que o número de cabo-verdianos emigrantes é superior aos residentes em Cabo Verde, estas remessas têm um peso significativo no desenvolvimento da economia cabo-verdiana. Importa, também, mencionar que a grande maioria destes imigrantes visita o arquipélago regularmente, especialmente, na altura do verão ou do Natal, com um poder de compra mais elevado e que também contam como um importante fator contribuinte para a economia do país.

Atualmente, assistimos à existência de uma diáspora cabo-verdiana enormíssima, principalmente, tendo em conta a dimensão populacional e territorial deste país, e que se faz sentir não só em Portugal, mas também noutras países e um pouco por todo o mundo, como veremos mais à frente. De facto, a contínua emigração cabo-verdiana faz com que Cabo Verde se torne um caso particular muito interessante, “cuja população emigrada ultrapassa, de longe, (...) a população residente” (Monteiro, 2009, p. 36), ou seja, existem mais cabo-verdianos espalhados pelo mundo do que no próprio país de origem. Em suma, o povo cabo-verdiano é, desde sempre, um povo lutador, que se vê “obrigado” a procurar outras oportunidades profissionais fora do seu país, que se caracteriza, como já mencionado, pela escassez de recursos naturais, mas também pela fraca oferta educativa, assim como uma baixa oferta de trabalho e baixos salários. Assim, esta antiga procura por uma melhor qualidade de vida fez com que se criassem grandes comunidades em países que não só Portugal (apesar de ter com este uma relação inigualável em comparação às restantes).

Apesar de Cabo Verde ser um país de emigração, existe também quem vá para estas ilhas em busca de outras oportunidades de trabalho. Neste sentido, é notável a presença dos próprios portugueses em Cabo Verde, assim como alguns imigrantes espanhóis, franceses, italianos, mas maioritariamente, muitos imigrantes chineses, inclusive, pode-se afirmar que a zona do Plateau na cidade da Praia, na Ilha de Santiago, conhecida por ser uma zona comercial e onde se agregam muitos e variados serviços, “ainda concebido como um lugar de poder, o centro da sociedade oficial cabo-verdiana” (Cidra, R., 2011, p. 56), é uma zona com uma forte e notável

presença da comunidade chinesa em Cabo Verde, com inúmeras lojas e alguma restauração típica deste país.

Assim, torna-se evidente o forte caráter migratório das ilhas que resultam naquilo a que se pode chamar de sociedades de fixação que, segundo Sandra Veiga, abrangem países tais como, França, Holanda, Luxemburgo, Portugal e Estados Unidos da América:

onde desde o século XIX uma comunidade de cabo-verdianos imigrados mantém fortes vínculos com a terra natal; e o Brasil, com o qual Cabo Verde manteve, no período em questão, contactos que propiciaram uma influência cultural que deixou várias marcas no arquipélago (Nogueira, 2020, p. 7).

Isto deve-se não só a fortes fluxos de emigração, mas é também reforçado pela presença de jovens universitários que vão estudar para estes países com objetivo de se formarem e que muitas vezes acabam por ficar residentes (Veiga, 2012, p. 18).

Concluindo, Cabo Verde é um país profundamente marcado pela emigração que deu origem àquilo que César Monteiro apelida de sociedades de fixação, que por sua vez dão lugar à produção e reprodução de expressões musicais num contexto transnacional, uma vez que dispersos pelo mundo, os cabo-verdianos espalham e divulgam a cultura cabo-verdiana, a música cabo-verdiana e o próprio crioulo que é uma língua:

falada nos lares cabo-verdianos dos ‘quatro cantos do globo’. A sobrevivência translocalizada, num mundo globalizado, de uma língua essencialmente marcada pela oralidade, é um paradoxo invulgar, que demonstra a força da nação cabo-verdiana, um exemplo particular de um hiperlocalismo face à globalização (Góis, 2006, p. 12).

1.2 Campo musical cabo-verdiano

Da mesma forma que Cabo Verde e o povo cabo-verdiano nasceram do cruzamento de diversas nacionalidades e culturas, a música cabo-verdiana tem, igualmente, a sua origem na fusão de repertório europeu com repertório africano, tal como explicita Monteiro (2009), “a música de Cabo Verde (...) resulta da convergência e sobreposição de elementos musicais europeus, sobretudo de origem portuguesa, com elementos musicais africanos, aquando do povoamento das ilhas” (p. 79).

Assim, Cabo Verde recebeu, desde sempre e de forma inevitável, muitas influências estrangeiras. A direta influência portuguesa iniciou-se desde a descoberta do arquipélago até

aos dias da sua independência, mas também trouxe consigo influências de outras partes da Europa que também exerciam a sua influência no próprio repertório musical português, mas este não foi o único influenciador de Cabo-Verde. De facto, o arquipélago teve, por si só, contacto direto com outros povos e culturas, tendo recebido “outros influxos, provenientes também daqueles países hegemónicos, chegaram a Cabo Verde por outras vias que não Portugal, (...) com o Brasil e com os Estados Unidos da América, através dos trabalhadores nas rotas marítimas e dos migrantes (...)” (Nogueira, 2020, p. 42), que ali paravam devido à favorável localização geográfica de Cabo Verde. Neste sentido, e de acordo com Gláucia Nogueira (2020), o que se ouvia e dançava em Cabo Verde no início do século XVIII seriam recriações das diversas expressões europeias, tais como *valsas*, *mazurcas*, *schottisches*, *galopes*, *sambas*, *maxixes*, etc.

Neste sentido, é no fim do século XIX que se pode assistir a uma maior popularização e entrada das músicas europeias no arquipélago, nas quais França e Inglaterra assumiam o papel principal. Assim, “Portugal surge como um intermediário entre os países dos quais recebe influência e aqueles que coloniza e, portanto, influencia” (Nogueira, 2020, p. 42), através de recriações dos repertórios europeus em terras cabo-verdianas, pelo que o quadro das músicas e danças no século XX ainda incluía a mazurca e os galopes, mas também sobressaiu a prática de contradança, polcas, valsas, marchas e paravantes. Assim, e de acordo com Monteiro (2009), apesar destes géneros terem a sua origem na Europa ou América, fazem à mesma parte do património musical cabo-verdiano, uma vez que já se veem recriados e condicionados por características próprias do mesmo (p. 80), tal como Glaúcia Nogueira (2020) afirma: “Após cerca de um século e meio da sua introdução no arquipélago de Cabo Verde, estas expressões musicais e coreográficas provenientes da Europa apresentam-se completamente recriadas, ou melhor dizendo, cabo-verdianizadas” (Nogueira, 2020, p. 316). Por esta razão, e como veremos mais à frente, torna-se difícil o rastreamento e a concordância sobre a origem de diversos géneros praticados no arquipélago, já que:

a música cabo-verdiana é um sector de difícil definição, em termos conceptuais, e delimitação, pois aparece compartimentada e classificada em géneros musicais, de forma inconsciente, e em modalidades específicas, com influências tanto europeias como africanas e com um conjunto de características próprias e distintivas. (Monteiro, 2009, p. 79)

Ou seja, rastrear o contexto da origem de géneros e práticas musicais já é por si só um processo complexo, e uma vez que Cabo Verde recebeu repertório musical proveniente tanto

da Europa, como das Américas e, a partir daí, desenvolveram-se adaptações por parte dos habitantes que deram origem à criação de variações e, inclusive, de novos géneros, tornando este processo ainda mais complexo e com que ainda permaneçam dúvidas e discordâncias relativamente a alguns destes, sendo também um tema ainda pouco explorado, tal como frisa Gláucia Nogueira em “Músicas e Danças Europeias do Século XIX em Cabo Verde: Percurso de uma apropriação” em 2020, “Até hoje, acrescente-se, há muitos temas intocados no âmbito da música cabo-verdiana. (...) É discreta a sua presença em trabalhos académicos quando se fala das práticas musicais em Cabo Verde e também na sua diáspora, embora elas estejam aí presentes” (p. 9).

Ainda assim, é possível, segundo Gláucia Nogueira (2020), afirmar que os géneros “koladera, morna, funaná, rabolo, kola sanjon e batuku, (...) se podem considerar criações locais” (p. 3). Neste sentido, e de forma a apresentar brevemente alguns destes géneros, a *Morna* surge, de acordo com Monteiro (2009), entre meados do século XVIII e meados do século XIX e ganha uma popularidade e importância para o povo cabo-verdiano que acaba por conquistar o seu espaço no arquipélago, inclusive “após a independência de Cabo Verde políticas do novo poder instituído procuraram valorizar essas – entre outras – tradições, que são então encaradas como parte do património cultural do país” (Nogueira, 2020, p. 7), pelo que a importância deste género foi ganhando contornos cada vez mais expressivos e é, hoje, considerado música tradicional cabo-verdiana e o género mais representativo do arquipélago. À semelhança de outros géneros presentes nas ilhas, a *morna* vê-se definida de diferentes formas por diferentes autores, contudo, segundo este, é possível identificar-se “em termos estritamente rítmicos, a *morna*, de cariz sentimentalista, romântico, nostálgico e dolente, por vezes, se desenvolve num compasso quaternário simples, mais ou menos lento (Adágio ou Andante) e procura identificar-se com os vários momentos sociopolíticos, socioeconómicos ou culturais de Cabo Verde” (Monteiro, 2009, p. 80).

Segundo Margarida Brito (1998), e ainda relativamente aos aspetos musicais dos géneros mais populares considerados cabo-verdianos, o compasso binário encontra-se tanto no *Batuku*, como no *Funaná* e na *Morna*, sendo que o primeiro caracteriza-se pelo seu compasso binário, mas de divisão ternária. O *Funaná* idem, mas com um andamento duplo, nomeadamente, lento-médio e rápido, e é “Tradicionalmente tocado com acordeão (gaita, em cabo-verdiano) e uma barra de ferro percutida e friccionada com uma faca ou vareta também metálica, em que se marca o ritmo (ferro ou ferrinho)” (Nogueira, 2020, p. 3). A *Coladera*, surge a meados do século XX e não se consegue afirmar a sua origem, no entanto, sabe-se que, apesar de no mesmo tempo rítmico que o *Funaná*, dispõe de um andamento mais moderado que este; o *Batuku*

encontra-se mais associado à Ilha de Santiago, ao sexo feminino e tem como base a percussão e um estilo de canto-resposta (Nogueira, 2020). Apesar de serem os três géneros que representam Cabo Verde, é a morna, que melhor espelha o arquipélago, pelo que o governo cabo-verdiano apresenta em 2012 a sua candidatura à UNESCO para que fosse considerada património imaterial da humanidade, o que após 7 anos, em 2019, se realizou (p. 3).

O *Zouk* (ou *Kizomba*) e as influências de *Rap* e *Hip-Hop* também chegaram ao arquipélago pelas mesmas vias dos restantes géneros musicais. Segundo Gláucia Nogueira (2020), o *Zouk*, ou *Kizomba* tem origem nas Antilhas francesas e é caracterizado pela “predominância da instrumentação baseada em sintetizadores e outros recursos eletrónicos” (p. 10). Este foi um dos géneros que, após uma abertura deste mercado pela *Kizomba* angolana em Portugal, desempenhou um importante papel na popularização da música de língua cabo-verdiana em Portugal. Este género musical também não teve origem no arquipélago, mas sim um género que se popularizou em França, conquistando fama e reconhecimento internacional na década de 1980. Como mencionado, à semelhança da maioria do repertório musical em Cabo Verde, o *Zouk* chegou às ilhas através das elites europeias que frequentavam o país. Adotado pela comunidade cabo-verdiana, é produzido, a partir de 1990, um extenso repertório baseado no *Zouk*, tanto em Cabo Verde como na diáspora. No entanto, de acordo com Pedro Góis (2008), surgem ainda “subgéneros” devido às naturais variações estilísticas criadas por diversos artistas, tais como o colazouk, o cabozouk, o zouklove (p. 118), entre outros.

Por estas e outras razões, surgem ainda divergências nas opiniões sobre a nomenclatura, características musicais e as origens entre/dos géneros *Zouk* e *Kizomba*, como por exemplo, a mais comum: *Kizomba* ter origem em Angola. No entanto, tanto a *Kizomba* como o *Zouk* contam com o mesmo padrão rítmico, tal como afirma Gláucia Nogueira na sua tese de doutoramento onde explicita que:

mais recentemente, por iniciativa provavelmente de intérpretes angolanos que também aderiram a este género que é sucesso nas pistas de dança, músicas no mesmo ritmo passaram a ser identificadas como *Kizomba*, e vários artistas cabo-verdianos adotaram esta designação (Nogueira, 2020, p. 10).

Mas não só, Pedro Góis também frisa esta questão e acrescenta que também em Portugal, provavelmente devido a terem sido os angolanos os pioneiros na abertura deste mercado musical em Portugal, a *Kizomba* é o termo que se utiliza para definir o *Zouk*. Talvez dado à grande comunidade cabo-verdiana em Portugal, *Kizomba* acabou por ser o “termo que se sedimentou entre parte da população africana e portuguesa” (Góis, 2008, p. 118).

Ainda assim, existe quem se oponha a esta nomenclatura, o que, por vezes, acaba por gerar mais dúvidas sobre a origem do género. Outros dão-lhe nomes distintos numa tentativa de “separar as águas” e delinear um espaço cultural para cada um destes e salientar a importância identitária que este género assumiu e assume para a cultura cabo-verdiana, tal como é o caso de Denis Graça que concorda que a *Kizomba* tem origem em Angola e, por isso mesmo, ao ser nomeado para a categoria de “Melhor Kizomba” no Cabo Verde Music Awards 2019 (CVMA), ficou indignado pela definição da categoria e escreveu uma carta de renúncia aos mesmos⁵, afirmando que aquilo que canta não é *Kizomba*, mas sim *Cabo-Zouk*, pelo que não faz sentido para este representar outro país através da sua música. Curioso é o facto de não ter sido mencionado nenhuma diferença musical significante ao ponto de diferir os géneros acima mencionados, mas sim, até agora uma questão de nomenclatura e de origem, sendo que na opinião de Denis Graça apenas a nomenclatura tem origem em Angola: “A pedido de um amigo de longa data, a quem fazemos vénia, o seu nome passou a ser *Kizomba*. No país desse amigo de longa data, nasceu o nosso filho: foi aí que o/a nosso/a *Kizomba* começou a cantar e a dançar”, apoiando a ideia, já mencionada, de que a Angola foi o elemento catalisador do consumo desta música em Portugal (talvez porque que a *Kizomba* angolana é cantada em português, o que permitiu também uma maior facilidade no acesso ao mercado musical português e brasileiro, acabando por facilitar também a entrada da *Kizomba/Zouk* cabo-verdiano), e por isso mesmo, são muitos os que aqui consideram que a *Kizomba* tem origem em Angola, tal como foi evidenciado por Denis Graça na sua publicação: “Numa das minhas digressões, ao Brasil, um jornalista brasileiro inquiriu-me: ‘...de que cidade Angolana você é?’ Ora, aí está: *Kizomba/Angolano*, cantor de ‘*Kizomba*’, ainda que Cabo-Verdiano/’Angolano’...;”⁶.

São notáveis as divergências de opiniões sobre aquilo que é ou não música cabo-verdiana e o que é que a define. Dado que a “música cabo-verdiana construiu-se híbrida, refletindo influências culturais diversas: de África, da Europa, das Antilhas, Américas do Norte e do Sul” (Ferro et al., 2016, p. 99), torna este processo mais complexo pela sua diversidade e hibridismo contínuo. Glaúcia Nogueira (2020), por outras palavras, acrescenta que as músicas europeias sofreram recriações nos seus aspetos musicais e assumiram-se como práticas que se integraram nas tradições cabo-verdianas, ainda que com características das suas originais versões europeias

⁵ Disponível em: https://www.facebook.com/denisgracaofficial/posts/10157204938229108/?tn=K-R&hc_location=ufi

⁶ Disponível em: https://www.facebook.com/denisgracaofficial/posts/10157204938229108/?tn=K-R&hc_location=ufi

(p. 313). Em última instância, surge a questão se o crioulo é ou não um elemento decisivo na definição da música cabo-verdiana e, por conseguinte, se cantar em crioulo torna, ou não, essa música cabo-verdiana.

É também relevante acrescentar que a música é um importantíssimo símbolo identitário cabo-verdiano (principalmente, num país de tão escassos recursos que faz com que a cultura seja o maior destes), reconhecida pelo partido único instaurados pelo PAIGC e PAICV e as suas políticas culturais “como um dos mais poderosos signos de identidade nacional e diáspórica e como a mais sólida base da soberania cultural dos cabo-verdianos” (Cidra, 2011, p. 26), sendo também um importante dinamizador e contributo da economia cabo-verdiana.

Neste sentido, destaca-se não só os inúmeros eventos musicais realizados em Cabo Verde, tais como “comemorações de feriados municipais, festas religiosas ou datas relacionadas com a formação da Nação são invariavelmente acompanhadas da realização de concertos ou festivais” (Cidra, 2011, p. 62), entre outros, mas também, a divulgação e o reconhecimento do país que se dá através da música cabo-verdiana e dos seus artistas que, a partir dos anos 90, começam a ganhar um reconhecimento mundial cada vez maior (fomentado também pelas chamadas comunidades de fixação nesses países estrangeiros), pelo que a:

percepção de que um número crescente de turistas da Europa e da América do Norte começou por conhecer o país através de fonogramas de Cesária Évora, Bau ou Antonin Travadinha, acentuou o reconhecimento político e popular do relevo da música, e de um modo global, de artefactos culturais, para as políticas de desenvolvimento económico (Cidra, 2011, p. 63).

1.3 Contexto histórico entre Portugal e Cabo Verde

De facto, esta relação não poderia ser mais longa e mais próxima. Desde a descoberta do arquipélago pelos portugueses em 1460, Cabo-Verde tornou-se desde logo colónia portuguesa e manteve-se assim durante séculos. Marcado pelo forte caráter migratório, é também a mais antiga das migrações laborais para Portugal, tendo sido a primeira comunidade de imigrantes a estabelecer-se em território nacional na segunda metade da década de 60 do século XX (Monteiro, 2009, p. 8). Em Portugal, estes imigrantes ocuparam postos de trabalho vazios provocados pela falta de mão-de obra devido à própria emigração portuguesa, mas também devido às guerras coloniais que se deram em África, nomeadamente, em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau, que tiveram como consequência direta a ausência de milhares de soldados.

Neste sentido, é inegável a forte e longa relação existente entre Cabo Verde e Portugal, na qual o primeiro representa “uma das mais importantes comunidades de emigrantes em Portugal,

quer em termos numéricos, quer históricos” (Veiga, 2012, p. 15). Apesar das diversas diferenças, estes dois países partilham semelhanças políticas e sociais evidentes, fruto de uma relação com mais de 500 anos de história na qual, desde a descoberta do arquipélago, Portugal manteve uma relação colonialista, onde Cabo Verde foi “colónia portuguesa durante quase 5 séculos” (Góis, 2006, p. 11), tendo somente conquistado a sua independência há 48 anos, em 1975.

Não obstante, ainda que num contexto colonialista e forçado inicialmente, Portugal “acolhe, desde a década de 60 do século pretérito, uma das mais expressivas comunidades africanas – a cabo-verdiana” (Monteiro, 2009, p. 19), tendo contribuído para a forte relação que existe hoje entre os dois países, dado que a comunidade imigrante cabo-verdiana se estabeleceu, em Portugal, cerca de duas décadas antes das emigrações laborais dos anos 80, pelo que “constituem o grupo contemporâneo de emigrantes com níveis de consolidação mais significativos no contexto da sociedade portuguesa” (Veiga, 2012, p. 15), precisamente, devido a estes movimentos migratórios que se iniciaram desde muito cedo.

Ainda assim, esta precoce e contínua emigração do povo cabo-verdiano, ainda que forçada na sua fase inicial, teve e tem os seus benefícios para este peculiar país, tal como demonstra Pedro Góis:

O facto de se tratar de um micro-estado insular (país independente cujo território é composto de uma ilha ou um grupo de ilhas), (...) um dos cinco mais pequenos países de África e, simultaneamente, um dos mais jovens (...), leva a que seja um exemplo interessante para uma análise das correntes migratórias contemporâneas e do papel que estas desempenham na estruturação de comunidades transnacionais. Complementarmente, Cabo Verde é um caso extremo no âmbito dos países de emigração sub-sahariana: é um país de escassos recursos naturais; pouca água; poucos solos férteis; praticamente sem recursos materiais; sem recursos energéticos fósseis e com escassos recursos minerais e, no entanto, não é um dos mais pobres países de África, bem pelo contrário. Uma das formas que Cabo Verde encontrou para responder a esta escassez de recursos foi sustentando uma corrente emigratória muito forte, com uma consequente recepção de elevadas remessas financeiras desses emigrantes ao longo de períodos de tempo consideráveis (Góis, 2016, pp. 11-12).

Esta relação colonialista teve, naturalmente, um grande impacto e diversas consequências para o povo cabo-verdiano, onde Portugal teve um papel de influenciador, incutindo práticas sociais, políticas e culturais exercidas na Europa, incluindo aquilo que deste ponto de vista se torna mais relevante, ou seja, o repertório musical. Neste sentido, em 1996, Portugal e Cabo

Verde tornam-se membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa⁷, que se traduz num “foro multilateral privilegiado para o aprofundamento da amizade mútua e da cooperação” e que tem os seguintes objetivos gerais: A concertação político-diplomática entre seus estados membros, nomeadamente para o reforço da sua presença no cenário internacional; A cooperação em todos os domínios, inclusive os da educação, saúde, ciência e tecnologia, defesa, agricultura, administração pública, comunicações, justiça, segurança pública, cultura, desporto e comunicação social; E a materialização de projectos de promoção e difusão da língua portuguesa⁸. Mais se acrescenta que, no âmbito da CPLP⁹ “os objetivos mais recentes do governo incluem medidas de promoção das indústrias criativas e incentivos para aproximar a cultura da esfera econômica” (Garcia, Lopes, Martinho, Neves, Gomes & Borges, 2018, p. 2).

Pedro Góis (2008), acrescenta que a promoção pública da “lusofonia” e da música dos PALOP vê-se intensificada na segunda metade da década de 90, o que conferiu um novo enquadramento institucional e comercial, pois estações de rádio e de televisão como a RDP e RTP África dedicaram uma significativa fração das suas programações com vista à promoção de fonogramas, entrevistas a músicos e promotores culturais, assim como à transmissão de videoclipes, festivais, concertos, tendo sido este um importante veículo para a divulgação musical cabo-verdiana (p. 121).

A março de 2022 Portugal e Cabo-Verde assinam, na cidade da Praia, um novo plano de cooperação designado de Programa Estratégico de Cooperação (PEC), válido de 2022 a 2026, que “representa uma continuidade da cooperação nos domínios sectoriais prioritários, ajudando a promover o desenvolvimento de Cabo Verde e apoiando, também, na melhoria das condições de vida da população deste país”, sendo os sectores prioritários a Educação, a Ciência, o Desporto e a Cultura; Saúde, Assuntos Sociais e Trabalho; Segurança e Defesa; Ambiente, Energia, Agricultura e Mar; Finanças Públicas, Economia, Digital e Infraestruturas; entre outros assuntos, com uma projeção financeira de 95 milhões.

Destaca-se, também, algumas das intervenções definidas para os anos de 2022-2026, no PEC em vigor, conforme consta no Memorando de Entendimento disponibilizado¹⁰, das quais se salienta as seguintes:

⁷ Disponível em: <https://www.cplp.org/id-2752.aspx>

⁸ Disponível em: <https://www.cplp.org/id-2763.aspx>

⁹ Comunidade dos Países de Língua Portuguesa

¹⁰ Disponível em: https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/Programa_Estrat%C3%A9gico_Cooper%C3%A7%C3%A3o_PEC_Po rtugal - Cabo Verde 2022-2026.pdf

- Apoio na recuperação e valorização do património histórico e cultural, incluindo património classificado pela UNESCO;
- Apoio a um festival de música nos dois países, para assinalar a classificação pela UNESCO do fado e da morna como património imaterial da humanidade;
- Apoio no desenvolvimento de programas de incentivo às indústrias criativas e às artes tradicionais;
- Intercâmbio e cooperação entre entidades artísticas cabo-verdianas e portuguesas através, nomeadamente, da concretização de projetos de interesse comum e da participação em eventos nos espaços do Centro Cultural Português na cidade da Praia e no polo da cidade do Mindelo;
- Colaboração com as associações locais, enquanto instrumentos de promoção artística e cultural, visando também o desenvolvimento das potencialidades artísticas dos jovens cabo-verdianos;
- Apoio técnico à formação da classe artística através da interdisciplinaridade e promoção da mobilidade internacional de artistas e curadores de exposições;

1.4 A presença cabo-verdiana em Portugal

Tendo em conta a longevidade desta corrente imigratória e a proximidade entre estes dois povos e culturas, pode-se afirmar que a comunidade imigrante cabo-verdiana em Portugal foi “a primeira a aportuguesar-se, por via das naturalizações crescentes, das socializações secundárias dos mais novos, dos casamentos mistos e de outros processos de socialização cultural” (Machado, 2009, p. 135) pelo que, de acordo com José Santos, Maria Mendes, Conceição Rego e Maria Magalhães, “assume-se como a de maior importância”.

Na década de 60, vivia-se uma crise económica em Portugal e uma vez que estes imigrantes teriam poucos recursos financeiros, alojam-se em Lisboa, nos concelhos de Lisboa, Amadora, Oeiras e Loures, mais especificamente, em zonas com condições precárias (Veiga, 2012, p. 26). Desde então, os novos imigrantes que chegam a Lisboa fixam-se nas zonas onde esta comunidade está mais presente, principalmente, na linha de Sintra, sendo que “uma parte significativa (...) instala-se em improvisados bairros de barracas, que não tardam em transformar-se em autênticos “guetos” (...)” (p. 13). Estes bairros e a presença cabo-verdiana nestes são bem visíveis, por exemplo, nos videoclips de Apollo G, nomeadamente, “Tempo

Antigo”¹¹ e “Si Ki Sta”¹². Associada a este estilo de vida, está a cultura do *Rap* e do *Hip&Hop*, que se vê impulsionada pelos jovens, mas também pelas recentes plataformas digitais que impulsionaram a popularização da música cabo-verdiana não tradicional do arquipélago na comunidade mais jovem em Portugal.

Destes jovens portugueses que consomem este tipo de música, a grande maioria acaba por se aproximar à cultura cabo-verdiana através de outros meios, desde os que “escolhem traços culturais cabo-verdianos para as suas representações diárias, (...) à tipologia de discotecas que frequentam, estas que são na sua maioria africanas” (Veiga, 2012, p. 23), mas não só; assiste-se também a um aumento do uso de “penteados, facto que está a tomar proporções acima das expectativas, provocando em termos numéricos, um elevado número de lojas e cabeleireiros com penteados à moda africana, devido à entrada e expansão no mercado dessas mesmas lojas, com penteados que para muitos estão na moda”. A palavra moda¹³, utilizada aqui por Sandra Veiga, delineia um importante aspeto de uma possível moda urbana em torno da cultura cabo-verdiana, que apesar de complexa evidenciação, faz-se sentir em Portugal, principalmente, em Lisboa.

Portugal recebe ainda, todos os anos, um número pouco significativo, mas de relevante menção, de estudantes universitários que se fixam nas periferias das cidades de Lisboa e Porto, onde o alojamento acaba por ser mais económico, mas ainda com uma rápida acessibilidade aos estabelecimentos de ensino através dos mais diversos meios de transporte disponibilizados. Não só os jovens, mas também, mas também a classe trabalhadora emigra, como já mencionado, na busca de melhores condições de vida e este fenómeno intensifica-se nas cidades mais desenvolvidas, onde a oferta de emprego é mais elevada e, principalmente, onde já se encontram outras pequenas comunidades cabo-verdianas que já se haviam estabelecido nos grandes centros de Lisboa e Algarve. De acordo com Glaúcia Nogueira, o norte do país, nomeadamente as regiões do Porto, Braga, Aveiro e Coimbra também contam com uma significativa comunidade cabo-verdiana, mas não tão significativa como nos outros dois centros, que são constituídas pelos “indivíduos que vieram para Portugal frequentar estabelecimentos de ensino,

¹¹ Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=CdwpnmYQ9X8&list=RDEMx6AHQOAhcYTa57QcVCFIA&start_radio=1&ab_channel=ApolloGOfficial

¹² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3-aWnMHLgxo&ab_channel=ApolloGOfficial

¹³ Moda: 1. uso, hábito ou forma de agir característica de um determinado meio ou de uma determinada época; costume; 2. uso corrente, prática que se generalizou; 3. estilo prevalecente e passageiro de comportamento, vestuário ou apresentação em geral; tendência; 4. indústria ou o comércio do vestuário; 5. estilo pessoal, gosto; 6. hábito repetido; mania; fixação, etc. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/moda>

normalmente no Ensino Superior, e que por aqui permanecem por um tempo mais ou menos longo” (Góis, 2008, p. 18).

Segundo as Estatísticas de Imigrantes por Nacionalidade, disponibilizadas no website do Gabinete de Estratégias e Estudos, da República Portuguesa, nomeadamente, no ficheiro “População Estrangeira com estatuto legal de residente em Portugal – Cabo Verde”¹⁴ respetivamente aos anos de 2000 a 2020, pode-se observar que desde 2000 a 2007 houve um aumento no número de cabo-verdianos com estatuto legal de residentes, mas desde então, este número foi diminuindo até ao ano de 2019, onde sofreu um ligeiro aumento e voltou a descer em 2020. Em termos geográficos, e ainda segundo os dados disponibilizados no ficheiro, em 2021, Lisboa contava com cerca de 21.000 cabo-verdianos com estatuto legal de residente em Portugal, sendo este o distrito com o maior número de indivíduos de imigrantes cabo-verdianos legais. Destaca-se ainda os distritos de Setúbal, Faro e Porto, com cerca de 6.000, 1.800 e 1.000 cabo-verdianos com estatuto legal de residente em Portugal, respetivamente. Todos os outros distritos não ultrapassam os 1.000. Em Lisboa, e devido a fatores que serão mencionados mais à frente, esta comunidade cabo-verdiana concentra-se, sobretudo, nas zonas de Amadora-Sintra, nomeadamente, em Agualva-Cacém, em Rio de Mouro, em Massamá, Queluz, na Reboleira, na Damaia, em Queluz, Venteira, Falagueira e no Cacém, mas também nos distritos de Loures e Oeiras.

Cabo Verde fica, também, no ano de 2021, no terceiro lugar no ranking das comunidades imigrantes em Portugal, sendo o Brasil a ocupar o primeiro lugar e o Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte em segundo. No entanto, deve-se ter em conta a dimensão relativa entre estes países (Brasil e Cabo Verde)¹⁵, uma vez que, se Cabo Verde tivesse, por exemplo, o mesmo tamanho que o Brasil, provavelmente, ultrapassaria o terceiro lugar deste ranking, pois “do ponto de vista absoluto, o conjunto das populações de origem cabo-verdiana no exterior é relativamente reduzido, quando comparado com outras grandes diásporas mundiais. No entanto, a sua dimensão relativa (superior à população residente no próprio país) e o seu grau de dispersão tornam-na o movimento mais antigo e mais regular entre África e a Europa” (Veiga, 2012, p. 10).

¹⁴ Disponível em: <https://www.gee.gov.pt/pt/lista-publicacoes/estatisticas-de-imigrantes-em-portugal-por-nacionalidade/paises/Cabo%20Verde/3947-populacao-estrangeira-com-estatuto-legal-de-residente-em-portugal-cabo-verde/file>

¹⁵ Que ao contrário dos países europeus, têm mais dificuldade em conseguir visto de residência, pelo que “entram no país como turistas e ingressam na clandestinidade, ou permanecem numa situação irregular a partir desse momento” (Góis, 2008, p. 16)

Mais se acrescenta que os valores mencionados são provenientes das autoridades do governo português, logo, espelha apenas, como referido, o número de cabo-verdianos com estatuto legal de residentes, ficando em falta os que não estão legalizados e que é um número ainda significativo, tal como afirma Sandra Veiga em 2012, “o número de ilegais supera largamente os que têm a sua situação regularizada” (p. 13), logo os números apresentados não são representativos, estimando-se que o número real seja mais do dobro daquele que terá sido apresentado. Ainda relativamente a esta limitação dos dados, Pedro Góis acrescenta que “Dado que o SEF só contabiliza o número de indivíduos nacionais cabo-verdianos e que os Censos apenas têm em conta duas variáveis independentes, a nacionalidade e a naturalidade, é óbvio que a população cabo-verdiana em Portugal está sub-avaliada.” (Góis, 2006, p. 227). Ou seja, “os seus descendentes e aqueles que ao longo das últimas décadas se foram naturalizando portugueses” (Santos, Mendes, Rego, & Magalhães, 2009, p. 3465) não constam nestes dados. Assim, deve-se ter em conta que, por norma, os dados apresentados ficam aquém da realidade e que a comunidade cabo-verdiana ultrapassará, provavelmente, o terceiro lugar no ranking das comunidades imigrantes em Portugal. Neste sentido, de acordo com José Santos, Maria Mendes, Conceição Rego e Maria Magalhães (2009), a comunidade imigrante cabo-verdiana em Portugal representa “um dos grupos numericamente mais representativos, sobretudo se considerarmos para além do número oficial de imigrantes os seus descendentes e aqueles que ao longo das últimas décadas se foram naturalizando portugueses.”¹⁶

Neste sentido, torna-se relevante mencionar um comentário de uma imigrante nos Estados Unidos da América que se sente frustrada por muitas vezes os cabo-verdianos imigrantes identificarem-se como oriundos de Portugal, ainda que nascidos lá, uma vez que na opinião da autora do vídeo, nascidos ou não em Portugal, estes descendentes deveriam identificar-se como cabo-verdianos e serem responsáveis pela divulgação da sua nação e cultura:

“I can’t lie, I love being cape Verdean but one thing that annoys me about Cape Verdean people has to be when some cape verdeans ‘li na xtranger’ don’t like to explain where cape verde is so they just say ‘im from Portugal’ and maybe you were born in Portugal and you feel Portuguese (this is just an example) but come on, like is us who are putting cape verde out there so we have to actually

¹⁶ Imigrantes cabo-verdianos em Portugal: integração e sua percepção em relação aos portugueses - <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/20090/1/8%202009%20APDR%20ADRCV%20-%20imigrantes%20caboverdianos%20em%20portugal%20p.pdf>

try to explain where cape verde is..(...) but it's a beautiful country that needs to explored and discovered by other people”¹⁷.

Assim, este comentário evidencia não só a questão do que é que se considera ser cabo-verdiano, mas também a referida proximidade entre estes dois países. Segundo Sandra Veiga, constitui “o grupo contemporâneo de emigrantes com níveis de consolidação mais significativos no contexto da sociedade portuguesa”, dado à existência desta corrente imigratória que teve início quase vinte anos antes das primeiras emigrações laborais nos anos 80, o que torna a comunidade imigrante cabo-verdiana uma das mais importantes em Portugal, e que inevitavelmente se cruza e interliga com a cultura circundante – a cultura portuguesa.

Em suma, é notável a presença significativa da comunidade e da cultura cabo-verdiana em Portugal, onde os filhos, netos e bisnetos dos imigrantes cabo-verdianos já nascem portugueses e onde estas duas culturas se cruzam e misturam, “onde se regressa nas férias, para onde se pode ir viver na reforma, onde existem os seus cafés, restaurantes, casas de música, lojas de produtos tradicionais e, sobretudo, onde vivem amigos, conterrâneos e familiares” (Góis, P., 2008, p. 18). Pedro Góis evidencia também este aspeto, mencionando que a Área Metropolitana de Lisboa Portugal representa uma extensão do arquipélago, inclusive, vista como mais uma ilha no “arquipélago migratório”, pelo que Portugal, mais especificamente a AML surge como a maior das ilhas no exterior e onde Cabo Verde é mais espelhado (p. 18).

1.5 Campo musical cabo-verdiano em Portugal

O campo musical cabo-verdiano foi-se, naturalmente, construindo em Portugal à medida que a comunidade imigrante cabo-verdiana se instalava no país, dado que segundo Monteiro (2009), a música representa um dos mais importantes elos de ligação à cultura cabo-verdiana, o que deu “origem, nas respetivas sociedades de fixação, à produção e reprodução de expressões musicais, em contextos globalizantes e transnacionais” (Monteiro, 2009, p. 50). No contexto cultural português existem os géneros musicais considerados tradicionais de Cabo Verde, tais como, o *Batuque*, a *Coladeira*, o *Funaná* e, claro, a *Morna*, no entanto, não é só a música tradicional cabo-verdiana que é consumida em Portugal, mas géneros tais como o *Hip-Hop*, o *Rap*, a *Kizomba/Zouk* e *Afrohouse* tem vindo a conquistar nos últimos anos o público português (Ferro et al, 2016, p. 97).

¹⁷ Disponível na página de Instagram: @cape.verdean

O artista Bana, que conquistou uma posição de elite dentro da música cabo-verdiana, mais especificamente, na morna, e que foi um dos mais icónicos intérpretes deste género, residiu em Lisboa a partir de 1972 e foi um dos grandes contributos para a estruturação de um espaço para a música cabo-verdiana em Portugal e para a divulgação desta no mercado musical português, não só através de discografia, mas também pela abertura do atual Restaurante Enclave, um restaurante de comida típica cabo-verdiana, que na altura se chamava de Restaurante/Discoteca Monte Cara, no Rato (Monteiro, 2009, p. 92).

Segundo Monteiro (2009), já na década de 1980, assistia-se a uma comunidade com uma presença cultural muito forte, nomeadamente, em S. Bento, em Lisboa, que era como uma “ilhazinha da Cabo Verde”, de onde, naturalmente, emanava a cultura cabo-verdiana, com música tradicional nos referidos restaurantes, bares, cafés, etc., restaurantes esses que comercializavam já comida típica cabo-verdiana e que é, precisamente, nesta altura, com a chegada de Cesária Évora a Lisboa que a música cabo-verdiana ganha uma maior visibilidade no contexto internacional (p. 93).

Também o B.leza, estabelecimento de diversão noturna, com sala de dança e bar, criado em 1995 e que se mantém aberto até aos dias de hoje, na zona do Cais do Sodré, foi um importante contributo para a divulgação e integração da música cabo-verdiana no contexto cultural português, pois segundo Pedro Góis (2008), contava com um público maioritariamente português. Neste sentido, foram executados concertos, apresentados músicos profissionais cabo-verdianos, assim como repertório considerado tradicional de Cabo Verde, maioritariamente, associado à dança, como por exemplo, a *Coladeira* e o *Funaná* (p. 121).

Neste sentido, marcado pela sua distância de casa, pelo sentimento de saudade e nostalgia, o povo cabo-verdiano vive intensamente a sua cultura, principalmente, naquilo que mais gostam, na música e na gastronomia. Tanto um como outro são fortes símbolos daquilo que é Cabo Verde, daquilo que é ser cabo-verdiano e daquilo que se sente em terras cabo-verdianos. Por outras palavras, a língua, a música e a comida, que “constitui um fator fundamental que representa e identifica a comunidade cabo-verdiana” (Veiga, 2012, p. 17), são espelhos da identidade cultural cabo-verdiana e de todas estas, principalmente, a música “representa seguramente a dimensão mais importante desta diversificada população imigrante” (Monteiro, 2009, p. 1). Assim deu-se, segundo Monteiro, a emergência de um campo musical,

particularmente¹⁸ na Área Metropolitana de Lisboa¹⁹, que tem vindo a ser cimentando pela forte presença da comunidade cabo-verdiana e das interações socioculturais que se deram e dão, e que levam à transformação e configuração de um novo campo transnacional de produção musical, que vai ganhando projeção internacional (2009, p. 5), tanto que “grande parte da música de origem cabo-verdiana produzida na diáspora insere-se no campo transnacional, que pressupõe contactos mais ou menos regulares e multiterritorializados entre vários países implicados no processo musical” (Monteiro, 2009, p. 7).

O *Rap Crioulo* também é um importante género popularizado em Portugal, sobretudo na camada mais jovem e que começa a ganhar maior visibilidade nos últimos anos com o surgimento de artistas e grupos como KBA, Loreta, Neh Jah, Mota Jr, Apollo G, etc. Apesar de alguns dos artistas mencionados ao longo da dissertação já terem nascido em Portugal, são, por norma, filhos de pais cabo-verdianos, ou seja, descendentes diretos. Já o falecido artista Mota Jr. é um caso particular, e também um exemplo deste cruzamento das culturas cabo-verdiana e portuguesa, uma vez que era português, filho de pais portugueses²⁰ e residente no Cacém, pelo que desde cedo teve contacto com a cultura cabo-verdiana tendo inclusive aprendido o crioulo cabo-verdiano, que é um “veículo privilegiado de comunicação nos bairros, assume um importantíssimo papel de aproximação cultural e de coesão”(Monteiro, C., 2009, p. 267), e era, precisamente, nesta língua que Mota Jr. ou David, se expressava musicalmente e com a qual ganhou popularidade em Portugal. Tal como este artista, outros portugueses que não músicos aproximaram-se do rap crioulo, principalmente, nas áreas onde esta comunidade se agrupa, tal como afirma César Monteiro (2009) quando menciona que “No Bairro do Alto da Cova da Moura, por exemplo, o grau de aceitação do rap da parte dos adolescentes e jovens é quase total, ou seja, de acordo com depoimentos vários, há uma adesão maciça da sua parte, em detrimento da dita música tradicional cabo-verdiana” (Monteiro, 2009, p. 255).

Como marca da integração da música de língua cabo-verdiana no contexto cultural português, principalmente, nos últimos anos, salienta-se alguns eventos dos quais se foi tomando nota ao longo do decorrer da investigação e não só, tais como:

¹⁸ Em 2009, Monteiro clarifica que cerca de 90% dos imigrantes cabo-verdianos estão sediados na AML segundo o Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (p. 1)

¹⁹ A Área Metropolitana de Lisboa (AML), segundo os termos do n.º 1 do artigo 2.º do capítulo 1 da Lei n.º 44/91, de 2 de agosto, publicada no Diário da República, I Série – A, n.º 176, 2 – 8, 1991, inclui 18 concelhos, a saber: Alcochete, Almada, Amadora, Azambuja, Barreiro, Cascais, Lisboa, Loures, Mafra, Moita, Montijo, Oeiras, Palmela, Sesimbra, Setúbal, Seixal, Sintra e Vila Franca de Xira.

²⁰ Entrevista disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RPmB2xbUbCE&ab_channel=firmezaa

- O caso da telenovela portuguesa de 2015, “A Única Mulher”, apresenta música cabo-verdiana, sendo que na primeira temporada²¹ integra na sua banda sonora a artista Elida Almeida com o tema “Nta Konsigui”; na segunda temporada²², com Tó Semedo ft. Boss AC com “Porque Te Amo”²³ e, novamente, com Elida Almeida e o tema “Txomam El”; a terceira temporada²⁴ conta com artistas como Dino D’Santiago com o tema “Dentu Bo” e Yasmine com “Apaixona”, assim como os 2Much com “Uma em Um Milhão” e G-Amado feat. Edmundo Vieira com o tema “Louca”, sendo também estes dois últimos cantados em português;
- Em 2018, Djodje realiza uma parceria com Cuca Roseta com o tema “Vamos Fugir”²⁵, onde fundem a língua crioula cabo-verdiana e a língua portuguesa, assim como o género Kizomba/Zouk com a típica guitarra portuguesa e com uma das fadistas mais reconhecidas desta geração;
- Em 2022, o Festival Super Bock Super Rock contou com a presença de Mayra Andrade como cabeça de cartaz²⁶, que realizou ainda concertos no “Centro Cultural de Belém, à Casa da Música no Porto, ao Teatro José Lúcio da Silva em Leiria e ao Convento São Francisco em Coimbra”²⁷;
- A recente série de comédia portuguesa, “Pôr-do-Sol”²⁸, que estreou em agosto 2021, é no fundo uma hipérbole das tradicionais telenovelas nacionais e expressa em toda a sua dimensão a cultura portuguesa. Nesta série, mais especificamente, na segunda temporada que terá saído em 2022, é mencionado em 3 episódios distintos a expressão “*nha puto*” (meu puto), seguida de “aqueles cães *pikinotes*” (aqueles cães pequeninos) e “tás mesmo *basofe*”²⁹ (expressão utilizada para dizer que alguém está estiloso ou arranjado, por assim dizer) no episódio 10 e novamente “*nha puto*” no episódio 20 ao

²¹ Disponível em: <https://www.fnac.pt/Varios-Novelas-A-Unica-Mulher-CD-Album/a887564>

²² Disponível em: <https://www.fnac.pt/Varios-Novelas-A-Unica-Mulher-Vol-2-CD-Album/a944450>

²³ (Este tema apesar de ser cantado em português, considera-se ainda relevante, dado que continua a representar um importante género para a cultura cabo-verdiana, mas também por representar uma troca entre estas culturas através da parceria com artistas portugueses e como forma de marcar a presença dos músicos cabo-verdianos no panorama cultural português)

²⁴ Disponível em: <https://www.fnac.pt/Varios-Novelas-BSO-A-Unica-Mulher-Vol-3-CD-Album/a988437>

²⁵ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A9djtYq8hTs&ab_channel=BrodaMusicTV

²⁶ Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/mayra-andrade-da-concertos-em-lisboa-porto-leiria-e-coimbra/>

²⁷ Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/mayra-andrade-da-concertos-em-lisboa-porto-leiria-e-coimbra/>

²⁸ Disponível na RTP Play em: <https://www.rtp.pt/play/>

²⁹ A partir do minuto 23:30

minuto 27:58, assim como “Ando a treinar funaná para ir ao Got Talent” no episódio 11, no minuto 02:30;

- A atuação de Neyna no final da taça de Portugal feminino, no estádio nacional a 28 de maio de 2022³⁰;
- Em 2022, o Festival do Sol da Caparica contou com a presença dos artistas Djodje, Nelson Freitas e Soraia Ramos³¹;
- A março de 2023 estreia a o tema “Minha Terra” de Supa Squad em parceria com a fadista Mariza e o rapper cabo-verdiano Apollo G³²;
- Os artistas Djodje e Nelson Freitas realizaram um concerto no dia 08 de abril de 2023 no Campo Pequeno; os Ferro Gaita no dia 14 de abril atuaram no B.leza;
- O Dani Gato atuou no dia 15 de abril de 2023 no Pavilhão Carlos Lopes e em Albufeira a 08 de julho de 2023, assim como no Brunch Electronik;
- A Lura apresenta-se também no Centro Cultural de Belém no dia 13 de outubro de 2023³³;
- No dia 14 e 19 de outubro, deram-se os concertos acústicos de Mayra Andrade que tiveram lugar nos Coliseus de Lisboa e Porto³⁴, respetivamente;
- Também no dia 14 e 15 de outubro, dá-se o Festival Iminente no Terreiro do Paço, em Lisboa, que conta com a presença de artistas como Loreta, Soraia Ramos, Primero G, Juana na Rap, Batukadeiras das Olaias, Cachupa Psicadélica, Ferro Gaita, entre outros convidados, e ainda uma entrevista ao vivo com Dino D’Santiago³⁵;
- O Loony Johnson, a 20 de outubro de 2023 no Coliseu dos Recreios, atua juntamente com artistas convidados, tais como Djodje, Vado Más Ki Ás, Danni Gato, Dynamo, Elida Almeida, Kaysha, Nelson Freitas, Nuno Ribeiro, Ricky Boy e Tó Semedo, que “vão encantar o público com os ritmos característicos a que o cantor nos tem vindo a habituar: kizomba, ghetto zouk, afro beat, afrohouse, batuco e funaná”³⁶;

³⁰ Disponível no instagram: @comunidadeculturaearte

³¹ Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/cultura/2022/03/10/djodje-nelson-freitas-e-soraia-ramos-no-festival-sol-da-caparica-2022/79073>

³² Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=A9djtYq8hTs&ab_channel=BrodaMusicTV

³³ Disponível em: <https://www.e-cultura.pt/evento/34421>

³⁴ Disponível em: <https://comunidadeculturaearte.com/mayra-andrade-anuncia-concertos-acusticos-nos-coliseus-de-lisboa-e-porto/>

³⁵ Disponível em: <https://www.festivaliminente.com/programa>

³⁶ Disponível em: <https://www.e-cultura.pt/evento/35673>

- Torna-se também relevante mencionar a recente chegada da Madonna a Portugal que cá residiu “entre 2017 e 2020”³⁷, e que evidenciou muito bem este aspeto da presença e integração da música cabo-verdiana no contexto cultural português, pois uma vez estabelecida em Portugal, começou não só a frequentar o Tejo Bar, como muito rapidamente atuou com o artista Dino D’Santiago³⁸, interpretando o tema “Sodade” da épica Cesária Évora. Mais recentemente, a artista Soraia Ramos foi convidada a cantar, este ano, no aniversário da Madonna no Palácio do Grilo em Lisboa³⁹.

³⁷ Disponível em: <https://www.dn.pt/cultura/madonna-celebra-65-aniversario-em-lisboa-16866343.html>

³⁸ Disponível em: https://ionline.sapo.pt/artigo/683186/madonna-interpreta-saudade-de-cesaria-evora-ao-lado-de-dino-dsantiago-video-?seccao=Mais_i

³⁹ Disponível em: <https://expressodasilhas.cv/cultura/2023/08/22/soraia-ramos-canta-na-festa-de-aniversario-da-madonna/87318>

CAPÍTULO 2

Metodologia

De forma a dar início àquilo que foram os primeiros passos e esboços deste trabalho, seguiu-se as linhas condutoras apresentadas na obra *Le métier de sociologue* de Bourdieu, Chamboredon e Passeron⁴⁰, de 1968 e formulou-se as “hipóteses teóricas que devem ser confrontadas com dados de observação ou de experimentação” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 25), de acordo com as sete etapas do procedimento à investigação em ciências sociais, destes três autores. A revisão literária foi, naturalmente, o primeiro passo desta investigação, ou seja, o primeiro método aplicado para recolha de informação, tendo como principal objetivo constatar o estado da arte. Começou-se por selecionar diversas fontes bibliográficas, de forma a recolher o máximo de informação possível, mas também de forma focalizada, para que o conteúdo recolhido fosse relevante e coerente. Após a primeira seleção, procedeu-se a uma leitura cuidada das fontes selecionadas e extraiu-se aquilo que se revelou pertinente para este estudo.

Ainda assim, o objetivo de recolher o máximo de fatores que possam ter contribuído para a popularização da música de língua crioula cabo-verdiana em Portugal, ou seja, naquilo que toca especificamente aos elementos da pergunta de investigação, a bibliografia recolhida a este respeito revela-se “escassa”, pelo que a revisão literária servirá, sobretudo, de enquadramento teórico e de contextualização histórica (excluindo a bibliografia sobre a metodologia que estrutura esta investigação).

O plano de investigação para este estudo tem como objetivo identificar os géneros de língua crioula cabo-verdiana, tradicionais do arquipélago ou não, popularizados em Portugal e porque é que estão, de certa forma, popularizados; quem é que contribuiu para esta popularização; assim como, quem é consumidor e em que tipo de lugar e circunstância.

Neste sentido, analisar-se-á o contexto histórico da relação entre Portugal e Cabo-Verde, nomeadamente, desde o período do colonialismo até aos dias de hoje, para uma melhor compreensão da evolução dos géneros e dos estilos musicais. Analisar-se-á, também, as

⁴⁰ As etapas encontram-se divididas em 3 estágios, nomeadamente, a rutura, a construção e, por último, a verificação/experimentação. De acordo com Quivy e Campenhoudt (1998, p. 26), a fase de rutura integra a pergunta de partida, a fase de exploração com as leituras e as entrevistas exploratórias e, integra também, a problemática. A fase de construção começa na problemática e acaba na construção do método de análise. Por último, a fase de verificação que integra a observação, a análise das informações e as conclusões. Apesar de haver uma lógica no seguimento e dever-se começar pelo início, todas as fases estão interligadas entre si e não são independentes umas das outras, pelo que se constroem ao longo da investigação, necessitando de ajustes nas diferentes etapas.

correntes migratórias e os locais onde as comunidades imigrantes cabo-verdianas se estabeleceram em Portugal, o que terá contribuído para a popularização da cultura.

Os géneros musicais de maior incidência expectados são o *rap crioulo*, a *kizomba/zouk/passada*, o *afrohouse*, o recente *drill crioulo, bossa, funaná*, sendo os três primeiros os principais. Será igualmente importante perceber os contributos para a popularização destes géneros musicais, nomeadamente, os artistas que os praticam e os consumidores, assim como possíveis incentivos para a integração desta comunidade, e com ela a sua cultura. Dentro dos consumidores, o expectado são indivíduos jovens a adultos, possivelmente com uma ligeira acentuação no género masculino, mas no geral, igualitária.

Em suma, a estratégia metodológica a adotar dispõe de um caráter qualitativo, mas também quantitativo, englobando a revisão literária, a elaboração de um questionário, entrevistas e, posteriormente, a respetiva análise dos dados recolhidos.

2.1 Entrevistas

As entrevistas, de caráter qualitativo, destinam-se somente a músicos cabo-verdianos, tendo sido escolhido como método de recolha de informação precisamente para recolher uma perspetiva do artista sobre os consumos de música de língua cabo-verdiana em Portugal. Aqui, ao contrário do questionário, é irrelevante se o artista entrevistado reside em Cabo-Verde ou em Portugal, uma vez que a maioria destes se encontram em constante mobilidade entre um país e o outro.

Para as entrevistas, elaborou-se, inicialmente, um guião geral e uma lista de artistas a serem contactados, contacto este que se estabeleceu através do e-mail profissional (na sua maioria, o e-mail direto do agente destes). Os artistas selecionados para a realização das entrevistas foram os seguintes: Mayra Andrade, Djodje, DJ Hebraico, Loreta, Nelson Freitas, Dino D'Santiago, Landim e Danni Gato. No entanto, somente os artistas Djodje e Landim responderam positivamente. Após duas tentativas de se realizar a entrevista *online* de forma sincronizada via videochamada com o artista Djodje, decidiu-se realizar a entrevista via e-mail, tendo-se obtido a resposta no dia 23 de maio de 2023, as quais foram transcritas para o presente trabalho (disponível no Anexo A). O artista Landim respondeu às questões, via WhatsApp, no dia 17 de outubro (disponível no anexo B). Relativamente, aos restantes não foi possível obter resposta.

As entrevistas online podem, precisamente, ser do tipo ‘asynchronous’ ou ‘synchronous’, sendo que as entrevistas de caráter ‘asynchronous’ dão-se, geralmente, via e-mail, tal como é o caso, enquanto as entrevistas online ‘synchronous’ dão-se no mesmo espaço de tempo

(O'Connor & Madge, 2017, pp. 417-422). No que toca às vantagens das entrevistas ‘asynchronous’ via e-mail destaca-se a simplicidade técnica do mesmo, não existem restrições temporais muito limitadas, nem geográficas, como seria, naturalmente, numa entrevista tradicional. Foi, precisamente, por existirem restrições como estas na entrevista sincronizada que não foi possível encontrar essa disponibilidade na agenda dos artistas entrevistados. Ainda assim, é de se ter conta que este tipo de entrevista permite uma resposta que pode ser bem pensada, construída e editada, se necessário, o que se poderá representar uma desvantagem dado que a

response that has been so well-considered and carefully thought about is likely to produce ‘socially desirable’ answer rather than a more spontaneous response which can be generated through synchronous interviews or by more traditional face-to-face interviews (O'Connor & Madge, 2017, p. 419)

Outra desvantagem encontra-se no facto de

in a situation where the participants and the researcher cannot see or hear each other and the researcher has to rely solely on the written text to understand the participant, there are concerns that valuable nonverbal data may be lost in the email interview process (O'Connor & Madge, 2017, p. 419)

No entanto, apesar de poderem existir desvantagens a este método de entrevista, este foi um importante contributo que permitiu obter informações relevantes para a investigação, para além do Djodje ser um dos mais reconhecidos artistas cabo-verdianos desta geração.

2.2 Inquérito por questionário online

O inquérito por questionário online aplicado caracteriza-se pela sua *administração direta* uma vez que, e de acordo com Quivy e Campenhoudt (1998), é o próprio inquirido a preencher o mesmo. Ao ser processado digitalmente, o questionário fica disponível online e através de um link funciona “by inviting prospective respondents to visit a website at which the questionnaire can be found and completed online” (Bryman, 2012, p. 671) que, por sua vez, será direcionado aos públicos e aos consumidores. O questionário tem como objetivo base a “análise de um fenómeno social que se julga poder apreender melhor a partir de informações relativas aos indivíduos da população em questão” (Quivy & Campenhoudt, 1998, p. 188) e de interrogar um

grande número de indivíduos para que a amostra seja um elemento com algum tipo de representatividade. Por estas razões, este método terá um enorme peso nesta análise, já que é o que irá proporcionar o maior número de amostras, sendo este também, uma das maiores vantagens deste método, dado o rápido e fácil acesso aos demais colaboradores.

Para elaboração do questionário, começou-se por definir o objetivo do mesmo, seguindo algumas diretrizes de Christopher Peters (2017), nomeadamente, anotar “specific knowledge you'd like to gain from your survey, along with a couple of simple questions you think might answer your hypotheses (including the set of possible answers)” (p. 2). Relativamente as estas expectativas, o esperado é que estes públicos sejam constituídos, maioritariamente, pelos mais jovens e jovens-adultos; que os géneros mais consumidos sejam a Kizomba/Zouk, o Rap Crioulo, Afrohouse e Funaná; e que os artistas mais reconhecidos sejam , tais como Cesária Évora, Tito Paris, Mayra Andrade, Djodje, Nelson Freitas, Loreta, Dynamo, Loony Johnson, Vado Más Ki Ás, Mota Jr, Apollo G, Yasmine, Josslyn, Soraia Ramos, entre outros. Neste sentido, o questionário elaborado tem como objetivo compreender a familiaridade⁴¹ e proximidade dos inquiridos com a música de língua cabo-verdiana e teve início a 15 de maio de 2023 e fim a 10 de julho de 2023, com a plataforma Google Docs e foi divulgado através de redes sociais e de outras plataformas digitais. A primeira pergunta do questionário separa logo os inquiridos que estão familiarizados com a música de língua cabo-verdiana e os que não (sendo que estes últimos passam logo para a parte sociodemográfica), precisamente, numa tentativa de que as respostas obtidas fossem pertinentes e fidedignas, ao invés de respostas que poderiam ter sido obtidas através de pesquisa, pouco relevantes e pouco representativas.

⁴¹ Familiaridade: 1. qualidade do que é familiar; 2. relacionamento familiar; intimidade; convivência e 3. ausência de cerimónias, informalidade. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/familiaridade>

CAPÍTULO 3

Apresentação e Discussão de Resultados

3.1 Dados Obtidos Através das Entrevistas

As entrevistas permitiram conhecer não só a perspetiva dos artistas sobre a questão da integração da música de língua cabo-verdiana no contexto cultural português, mas também uma breve caracterização dos seus públicos em Portugal, entre outras questões.

Neste sentido, a primeira entrevista realizada foi com Djodje Marta, de 34 anos, nascido em 1989, que é um artista cabo-verdiano com um vasto repertório e uma das referências da música cabo-verdiana, principalmente, na *Kizomba/Zouk*. Nascido em Cabo Verde e filho de pais cabo-verdianos, aos 18 anos emigrou para Portugal, onde se manteve desde então, pertencendo, assim, à grande comunidade imigrante cabo-verdiana em Portugal. Iniciou a sua carreira musical cedo e teve sempre uma grande presença da música na sua vida, uma vez que a família de Djodje também integra outros músicos. Curiosamente, a maioria da sua agenda profissional ocorre em Portugal.

Na entrevista, Djodje afirma fazer, em média, 40 shows por ano, sendo que a maioria destes é em Portugal, principalmente, em Lisboa, Algarve e Setúbal. Os restantes concertos espalham-se um pouco por todo o globo, à semelhança da diáspora cabo-verdiana, que na opinião deste, é um importante contributo para a sua presença nesses mercados transnacionais. Neste sentido, os restantes países mencionados por Djodje, onde já realizou ou realiza concertos foram os Estados Unidos da América, a França, a Suíça, Luxemburgo, Angola, Moçambique, Holanda, etc⁴².

Relativamente aos seus públicos em Portugal, Djodje diz ser igualitária a presença tanto de cabo-verdianos como de portugueses, com idades entre os 16 e os 40 anos.

Relativamente às barreiras na língua falada, Djodje considera que cantar em crioulo pode ser um pouco limitador na acessibilidade ao público português, no entanto, não considera que

⁴² Destaca-se também uma letra do artista Loreta que menciona também os países para onde já se descolou para a realização de concertos, nomeadamente: “Djam canta na Espanha, Na França, na Suíça, Djam ba Luxemburgo sem txu** alguém pi***” – que menciona precisamente o facto do artista se deslocar a estes países para a realização de concertos, o que provavelmente não aconteceria tão rapidamente (a internacionalização do artista) sem a presença destas grandes comunidades de imigrantes cabo-verdianos nesses países.

seja um fator decisivo, uma vez que “quando a música é boa, torna-se transversal como já aconteceu com várias músicas minhas”⁴³.

Quanto à integração da música de língua cabo-verdiana no mercado cultural português, Djodje é da opinião que a comunidade imigrante cabo-verdiana foi a força motora inicial para o impulsionamento do consumo deste tipo de música pelos portugueses, mas que “(...) hoje em dia já existe uma abertura natural por parte do público português para a nossa música (...)”⁴⁴.

Relativamente aos contributos para a integração da música de língua cabo-verdiana em Portugal, Djodje menciona não só a qualidade da música cabo-verdiana, mas artistas como Cesária Évora, Celina Pereira, Tito Paris, Bana, Dani Silva, Paulino Vieira e outros, como “os grandes responsáveis pela introdução e expansão da música cabo-verdiana em Portugal numa primeira fase”⁴⁵.

A segunda entrevista teve como convidado o rapper luso-cabo-verdiano, Landim, de 33 anos, que já nasce em Portugal, mais especificamente, em Mataraque, no concelho de Cascais. Mais tarde, muda-se para um bairro social em Mem-Martins. Quanto à escolaridade, Landim afirma que estudou até ao 11º ano do ensino secundário em Artes Visuais. A sua influência cabo-verdiana vem da família e dos amigos, que são na maioria cabo-verdianos ou descendentes diretos.

Quanto ao seu percurso musical, teve a sua iniciação no mundo da música através do irmão mais velho que consumia muito hip-hop e rap, o que, na opinião destes, acabou por moldar os gostos musicais do próprio. Mais tarde, conheceu o estúdio do grupo Da Blazz, onde gravou as primeiras músicas.

Relativamente à sua atividade profissional, estima realizar entre 10 a 20 shows por ano e acrescenta que, neste momento, tem mais oportunidades profissionais em Cabo Verde do que em Portugal, mas que nem sempre foi assim. Em Portugal, os distritos onde realizava/realiza mais concertos são Lisboa, Porto, Algarve e Braga, nos quais conta com a presença tanto de cabo-verdianos como de portugueses, principalmente, dos 18 aos 33 anos, maioritariamente do género masculino. Quanto ao mercado internacional, Landim diz ter uma presença mais significativa em países como a França e a Suíça, onde “a maior parte do público nesses países”⁴⁶.

⁴³ Disponível no Anexo A

⁴⁴ Idem

⁴⁵ Idem

⁴⁶ Disponível no Anexo B

Quanto à preferência da língua crioula para se expressar musicalmente, Landim afirma que “esteticamente e musicalmente falando, permite-me explorar outras texturas e obter uma sonoridade única e característica. Tradicionalmente falando, acho que é importante manter o dialeto e a identidade criola viva através de várias formas de expressão”⁴⁷.

Ainda assim, considera que o crioulo pode ser uma barreira para quem não convive ou não está familiarizado com esta cultura. É de salientar que à semelhança de Djodje, Landim afirma que apesar desta barreira linguística, “tudo depende da qualidade da arte, e não a língua ou instrumentos em que é praticada (...)”⁴⁸.

Landim acrescenta que o consumo de música de língua cabo-verdiana, por parte dos portugueses, “tem aumentado muito, até porque hoje em dia muitos portugueses percebem o crioulo e, inclusive, praticam-no nos bairros, nas comunidades e minorias menos inseridas na sociedade, a nossa música e “mensagem” nela implícita faz o quotidiano de muitos ouvintes”⁴⁹.

Relativamente à questão da possível moda urbana, Landim considera que houve uma altura em que se sentiu a música cabo-verdiana como uma tendência, principalmente, dos anos de 2008 para 2016, onde considera que houve uma altura em que o rap “tuga” estava um pouco pobre e o rap crioulo teve o seu maior destaque. Menciona também o surgimento das plataformas sociais como catalisadores no acesso a novos públicos e que permitiu uma internacionalização da música cabo-verdiana, de Cabo Verde e das comunidades imigrantes, para o mundo.

Como principais géneros e artistas que contribuíram para a existência de um espaço no mercado cultural português para a música cabo-verdiana, Landim menciona o *Rap* e a *Kizomba*; já os artistas mencionados são: Mayra Andrade, Gil Semedo, Mika Mendes, Gilito, Loreta, Neuza, Elji, Da Blazz, BabyDogg, Chullage, Cesária Évora, Lura e Alberto Koenig.

3.2 Dados Obtidos Através do Questionário Online

Para uma melhor compreensão e análise dos dados, apresentar-se-á primeiramente as respostas dos inquiridos que estão familiarizados com a música cabo-verdiana, dividido este grupo pelos que já visitaram o arquipélago e os que não. Já os dados sociodemográficos serão apresentados somente na secção que totaliza as respostas dos inquiridos que estão familiarizados com este tipo de música e os que não estão, à exceção da idade e do local de residência, que estarão

⁴⁷ Idem

⁴⁸ Idem

⁴⁹ Idem

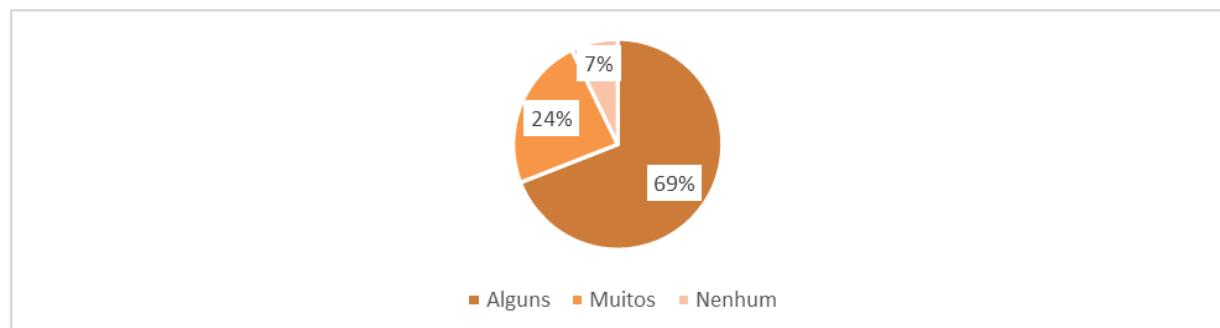
especificados em relação aos que inquiridos que já estiveram no arquipélago e os que não. Após a apresentação dos dados obtidos através dos inquiridos que responderam estar familiarizados com a música de língua cabo-verdiana, passar-se-á à apresentação dos dados obtidos dos indivíduos que não estão familiarizados com este tipo de música⁵⁰, sendo que estes preencheram somente a parte sociodemográfica.

O questionário online, disponível no Anexo B, teve como objetivo de compreender a familiaridade e os hábitos de consumo da música de língua cabo-verdiana em Portugal e obteve um total de 204 respostas válidas, sendo que 53,9% dizem estar familiarizados com a música de língua cabo-verdiana, enquanto 46,1% não estão familiarizados com este tipo de música.

Dos 110 que dizem estar *familiarizados com a música de língua cabo-verdiana*, 32,7% já estiveram no arquipélago enquanto os restantes 67,3% nunca estiveram nas ilhas cabo-verdianas.

Relativamente à questão se tem ou não amigos de nacionalidade cabo-verdiana, 69,1% responderam ter alguns, 23,6% dizem ter muitos e 7,3% não têm nenhum amigo de nacionalidade cabo-verdiana.

Gráfico I - Quantidade de amigos de nacionalidade cabo-verdiana



Fonte: Inquérito por questionário online

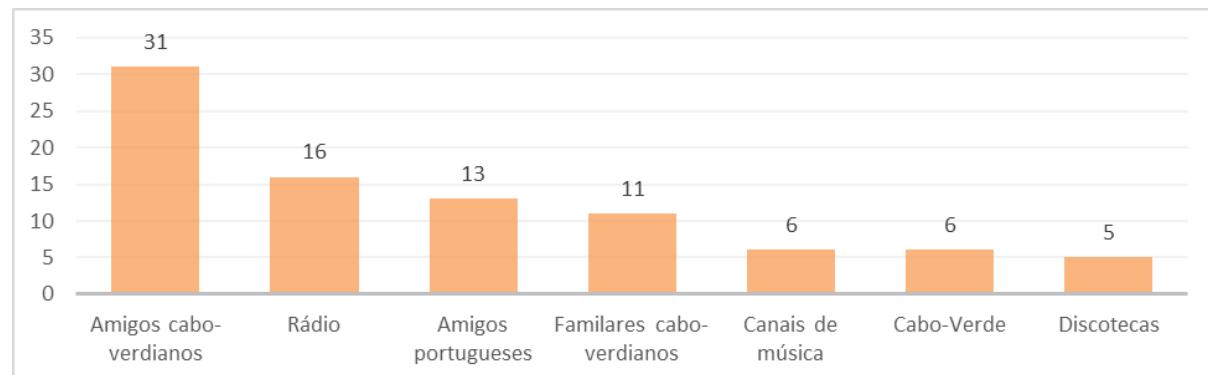
Relativamente ao contexto em que se deram os primeiros contactos com este tipo de música, destacam-se os mais comuns, nomeadamente, 28,2% tiveram os seus primeiros contactos com a música de língua cabo-verdiana através de amigos de nacionalidade cabo-verdiana⁵¹, 14,5% na rádio, 11,8% através de amigos de nacionalidade portuguesa, 10% através de familiares de

⁵⁰ Alerta-se para o facto de que não estar familiarizado não significa desconhecer ou não consumir. Como já mencionado anteriormente, estar familiarizado implica, à partida, estar por dentro do mercado musical.

⁵¹ (considera-se aqui os portugueses com descendência cabo-verdiana)

nacionalidade cabo-verdiana⁵², 5,5% destes através de canais de música, 5,5% foram em Cabo-Verde, como turistas/emigrantes, e 4,5% através de discotecas.

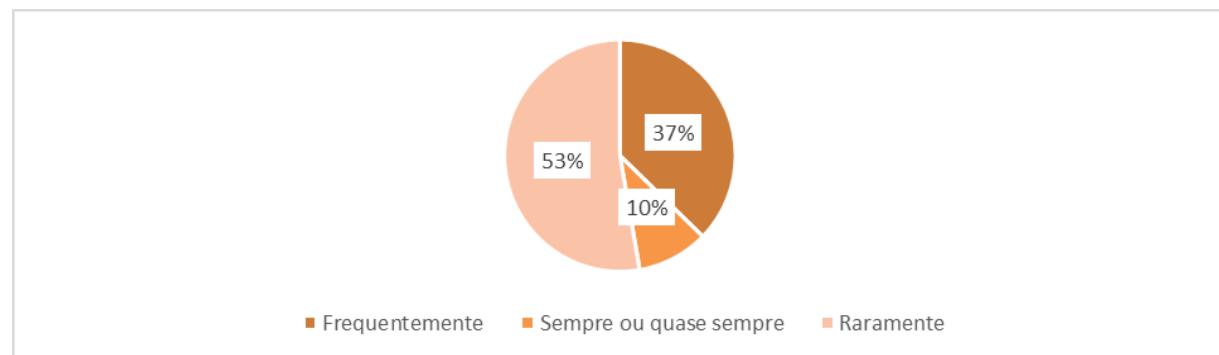
Gráfico II - Contexto dos primeiros contactos com a música de língua cabo-verdiana



Fonte: Inquérito por questionário online

Relativamente à regularidade com que os inquiridos ouvem música, 52,7% raramente, 37,3% responderam frequentemente e 10% sempre ou quase sempre que ouvem música.

Gráfico III - Frequência de consumo de música de língua cabo-verdiana



Fonte: Inquérito por questionário online

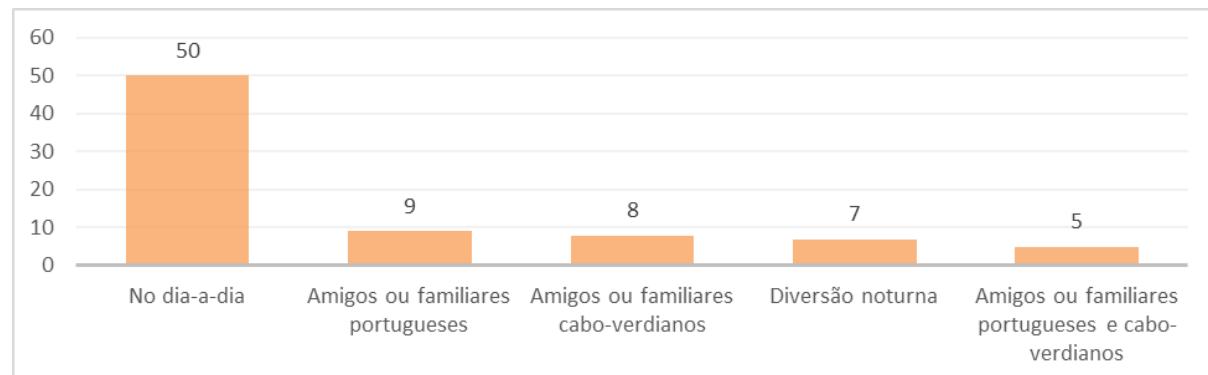
Relativamente aos hábitos de consumo de música de língua cabo-verdiana, destacam-se os mais comuns, nomeadamente, 45,5% responderam no dia-a-dia⁵³, 8,2% num contexto social, com amigos ou familiares de nacionalidade portuguesa, 7,3% num contexto social com amigos ou familiares de nacionalidade ou descendência cabo-verdiana, 6,4% num contexto de diversão

⁵² (considera-se aqui os portugueses com descendência cabo-verdiana)

⁵³ (através de playlists, CD, rádio, plataformas de música, etc.)

noturno⁵⁴ e 4,5% dizem consumir num contexto social, com amigos ou familiares de nacionalidade portuguesa e de nacionalidade cabo-verdiana.

Gráfico IV - Contexto do consumo de música de língua cabo-verdiana



Fonte: Inquérito por questionário online

Destes 110 inquiridos, 93,6% têm amigos residentes em Portugal de nacionalidade portuguesa ou outra, que não cabo-verdiana ou descendentes diretos, que consomem música de língua cabo-verdiana, ao invés de 6,4% que não têm nenhum.

Também 80% (88) consideram que o lugar que a música de língua cabo-verdiana tem vindo a aumentar no mercado cultural português, assim como a procura desta por parte dos portugueses e 8,2% acham que diminuiu e 6,4% não sabem responder. Como justificação desta afirmação, destacam-se os seguintes fatores: a potencialização das plataformas digitais, o aumento na agenda cultural portuguesa, os jovens como impulsionadores da popularização deste tipo de música e o aumento da comunidade cabo-verdiana em Portugal. Como forma de exemplo, salienta-se as seguintes afirmações:

“Parece uma moda agora”

“Aumentar muito em Portugal nos últimos anos. Está cada vez mais presente nas rádios e televisão e na vida noturna como bares e discotecas. Algumas das músicas mais populares em Portugal são de origem cabo-verdiana”

⁵⁴ (discotecas/bares)

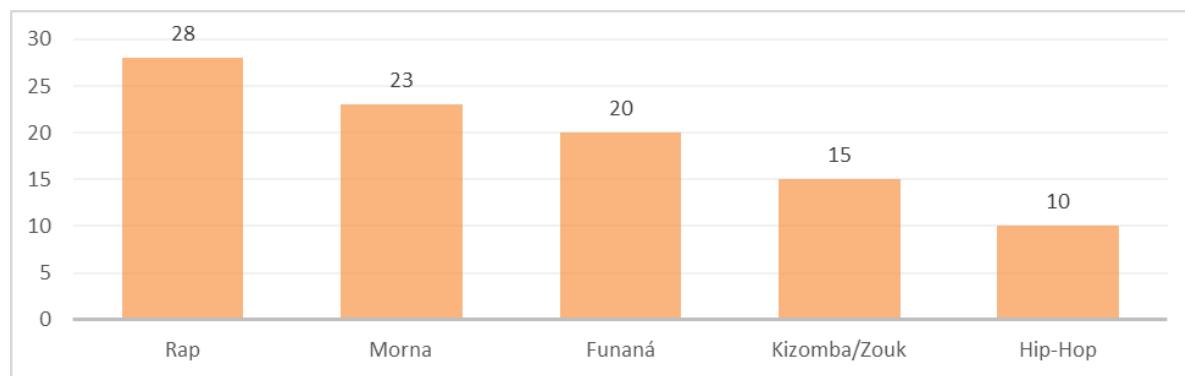
“Em grande parte graças às plataformas digitais que permitem uma mais fácil difusão da cultura cabo-verdiana, e a promoção/publicitação em Portugal de artistas cabo-verdianos através de rádio tem vindo a aumentar”

“Em Portugal há uma grande comunidade cabo-verdiana e a música cabo-verdiana, em particular o rap crioulo, demonstra a realidade da vida de comunidades mais oprimidas pelo sistema”

“Tendo em conta que a comunidade cabo-verdiana é uma das maiores em Portugal, assim como, a sua descendência. Acredito que tem vindo a aumentar e a tendência é que assim continue. A evolução da tecnologia (Internet, plataformas de música, etc.), ao longo dos anos, também contribuiu para a expansão da música cabo-verdiana além fronteiras”

Relativamente aos géneros que este grupo de inquiridos considera terem contribuído para o aumento do consumo deste tipo música em Portugal, destacam-se os mais mencionados, nomeadamente, *Morna* (23 vezes), *Rap* (28 vezes), *Funaná* (20 vezes), *Hip-Hop* (10 vezes) e *Kizomba* (15 vezes). Destaca-se também estas menções que, apesar de uma só vez, se tornam relevantes, nomeadamente, o *Zouk* de Cabo Verde, a *Kizomba Cabo-Verdiana* e o *Zouk*, uma vez que evidenciam, precisamente, a questão da discordância da nomenclatura dada a este género e a origem do mesmo; sem esquecer ainda que 23 responderam “não sei”.

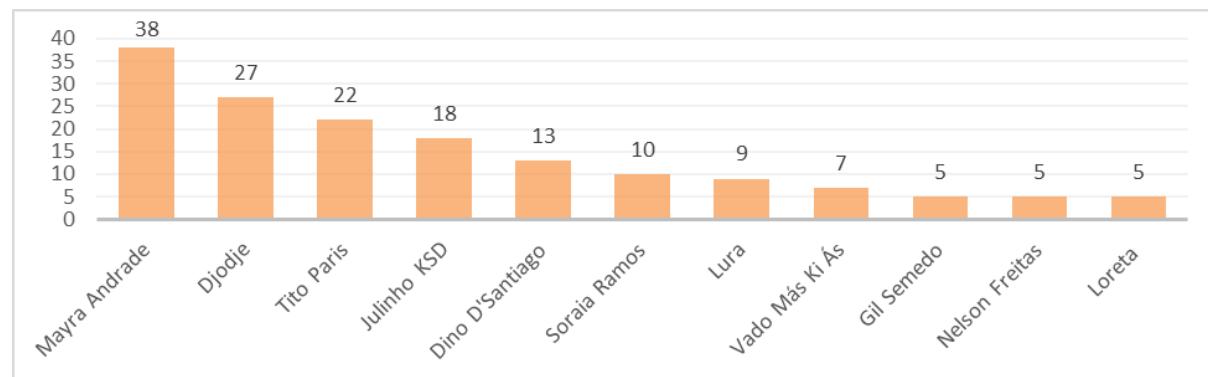
Gráfico V - Géneros contribuintes para o aumento do consumo da música de língua cabo-verdiana em Portugal



Fonte: Inquérito por questionário online

No que toca aos músicos, destacam-se os que foram mencionados mais do que uma vez, nomeadamente, a Cesária Évora (45 vezes), Mayra Andrade (38 vezes), Djodje (27 vezes), Tito Paris (22 vezes), Julinho KDS (18 vezes), Dino D'Santiago (13 vezes), Soraia Ramos (10), Vado Más Ki Ás (7), Lura (9 vezes), Gil Semedo (5), Nelson Freitas (5), Loreta (5), entre muitos outros com menos destaque, e 10 pessoas responderam “não sei”.

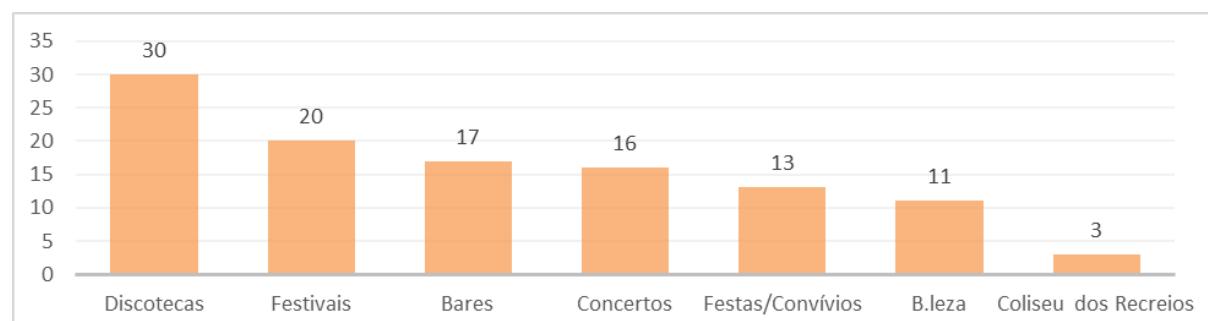
Gráfico VI - Quantidade de artistas cabo-verdianos mencionados



Fonte: Inquérito por questionário online

No que respeita aos espaços de consumo de música de língua cabo-verdiana ao vivo, foi pedido aos inquiridos que mencionassem até 3 espaços. Neste sentido, foram mencionados espaços como Discotecas (30), Festivais (20), Festas/Convívios (13), Bares (17), Concertos (16), B.leza (11), Coliseu dos Recreios (3). E ainda outros, tais como, Musicbox (1), Restaurante Espaço Cabo Verde Portimão (1), Afrobaile (1), Tejo Bar (1) e Tabernáculo (1). Foram também mencionados espaços que não se aplicam tais como Trabalho (2), Rádio (6), Carro (9) e Casa (15) e 21 destes 110 inquiridos responderam “não sei ou nenhum”.

Gráfico VII - Locais de consumo de música de língua cabo-verdiana ao vivo



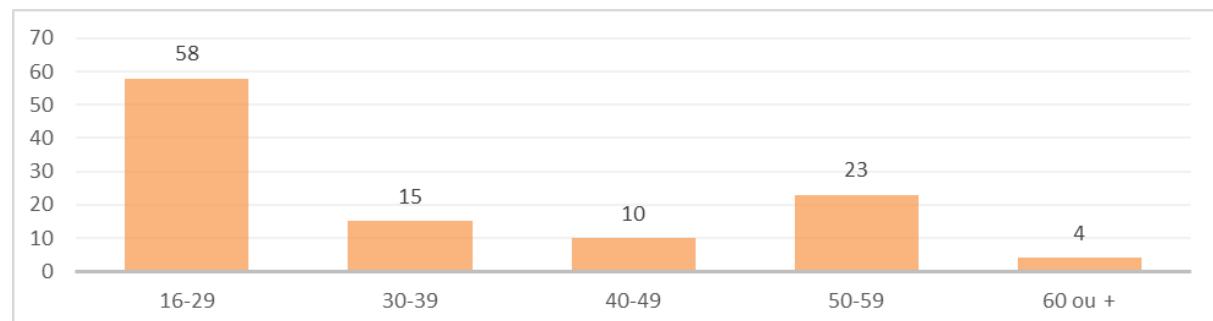
Fonte: Inquérito por questionário online

Deste grupo, 83 (80.6%) consideraram que não tinha nada a acrescentar, enquanto 15 (19.4%) deram o seu contributo, destacando-se: “A música cabo-verdiana tem cada vez mais projeção, não só em Portugal, como noutras países devido à grande comunidade de cabo-verdianos espalhados pelo mundo”; “Apesar de estar na moda em Portugal nas camadas mais jovens, é ainda uma música pouco valorizado pelo público acima dos 30 anos”; “Morna património da UNESCO ajudou a promover a música cabo-verdiana” e “Há músicos cabo-verdianos que escutamos, mas desconhecemos a nacionalidade”.

Quanto ao sexo, destaca-se uma ligeira acentuação no sexo feminino com 59,1%, já o sexo masculino representa 39,1% dos inquiridos.

Relativamente à idade destes inquiridos, 52,7% pertencem à faixa etária dos 16 aos 29 anos, 20,9% dos 50 aos 59 anos, 13,6% dos 30 aos 39 anos, 9,1% dos 40 aos 49 e 3,6% acima dos 60 anos.

Gráfico VIII - Idade dos inquiridos familiarizados com a música de língua cabo-verdiana

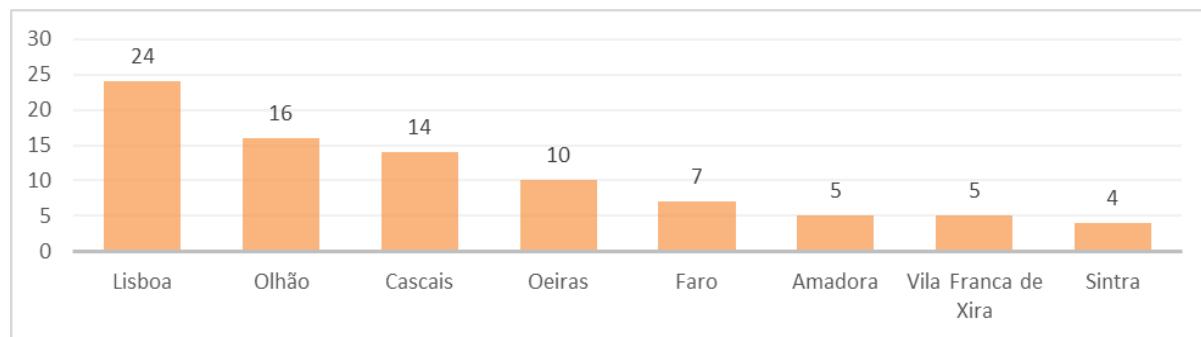


Fonte: Inquérito por questionário online

Quanto à escolaridade, 47,3% têm licenciatura, 13,6% mestrado, 19,1% com o 12º ano, 16,4% com curso profissional, 2,7% com o 3º ciclo do ensino básico e 1% com o 1º ciclo.

Quanto à residência, destaca-se os locais mais comuns, nomeadamente, 20,9% em Lisboa, 16,4% de Olhão, 12,7% em Cascais, 9,1% em Oeiras, 6,4% em Faro e 4,5% na Amadora, 4,5% em Vila Franca de Xira, 4,5% em Sintra, 1,8% no Seixal, 1,8% de Loulé, 1,8% em Almada, e 9 mencionaram outros locais, nomeadamente, Alcochete, Silves, Setúbal, Porto, Penafiel, Portimão, Loures, Barreiro e Irlanda.

Gráfico IX - Residência dos inquiridos familiarizados com a música de língua cabo-verdiana



Fonte: Inquérito por questionário online

Considera-se relevante o facto de que dos 52,8% que *estão familiarizados, que já foram ao arquipélago e que dizem ter alguns amigos de nacionalidade cabo-verdiana*, 9 dizem que ouvem raramente e desses 9, todos (100%) estão familiarizados com a música cabo-verdiana através de turismo/emigração, curiosamente.

Já dos 38,9% que *estão familiarizados, que já foram ao arquipélago e que dizem ter muitos amigos de nacionalidade cabo-verdiana*, e em relação aos espaços onde os inquiridos consomem música de língua cabo-verdiana ao vivo nenhum respondeu “em lado nenhum” e todos (100%) consideram que o lugar que a música de língua cabo-verdiana ocupa no mercado cultural português tem vindo a aumentar, assim como todos têm amigos residentes em Portugal de nacionalidade portuguesa ou outra, que não cabo-verdiana ou descendentes diretos, que consomem música de língua cabo-verdiana.

Dos 3 que *estão familiarizados, que já foram ao arquipélago e que dizem não ter nenhum amigo de nacionalidade cabo-verdiana*, todos (100%) são do sexo feminino com idades acima dos 40. No entanto, todas (100%) consideram ter havido um aumento deste tipo de música no mercado cultural português e na procura por parte dos portugueses, destacando-se duas justificações que coincidem, nomeadamente, “Devido à projeção dos media e das redes sociais” e “Porque há mais divulgação com os vários meios digitais e não só”. Também, todos (100%) dizem ter outros amigos residentes em Portugal de nacionalidade portuguesa ou outra, que não cabo-verdiana ou descendentes diretos, que consomem música de língua cabo-verdiana e todos (100%) dizem ouvir este tipo de música raramente.

Quanto aos 74 inquiridos, e dos 5 que não têm nenhum amigo de nacionalidade cabo-verdiana, todos dizem ter amigos residentes em Portugal de nacionalidade portuguesa ou outra, que consomem música de língua cabo-verdiana e todos ouvem este tipo de música raramente. Já dos 12 que têm muitos amigos de nacionalidade cabo-verdiana, e em relação aos locais onde

este grupo consome música de língua cabo-verdiana ao vivo, nenhum respondeu não consumir ao vivo e todos dizem ter outros amigos residentes em Portugal de nacionalidade portuguesa ou outra, que não cabo-verdiana ou descendentes diretos, que consomem música de língua cabo-verdiana.

Cabe, ainda, comparar e destacar as diferenças e igualdades registadas entre o grupo de inquiridos que já foram ao arquipélago e os que não. Apresentar-se-á, na tabela seguinte, alguns dos dados obtidos a partir da terceira questão (uma vez que as anteriores já se encontram respondidas - estar ou não familiarizado e ter ido ou não a Cabo Verde), sendo que estes estão organizados no sentido decrescente, de cima para baixo:

Tabela I - Comparaçāo entre os inquiridos que já visitaram Cabo Verde e os que não

Questões	Os que já foram ao arquipélago	Os que nunca foram ao arquipélago
3. Amigos cabo-verdianos	Alguns (52.8%) Muitos (38.9%) Nenhum (8.3%)	Alguns (77%) Muitos (16.2%) Nenhum (6.8%)
4. Contexto dos primeiros contactos	Familiares cabo-verdianos (19.4%) Rádio (19.4%) Em Cabo Verde (16.7%) Amigos cabo-verdianos (14.9%) Amigos portugueses (8.3%), etc.	Amigos cabo-verdianos (35.1%) Rádio (15.8%) Amigos portugueses (13.5%) Canais de Música (12.2%) Discotecas (6.8%)
5. Regularidade do consumo desta música	Frequentemente (41.7%) Raramente (41.7%) Sempre (16.7%)	Raramente (58.1%) Frequentemente (35.1%) Sempre (6.8%)
6. Contexto em que a consome	No dia-a-dia (52.8%)	No dia-a-dia (32.4%)
7. Outros amigos que consomem este tipo de música	94.4% tem outros amigos de nacionalidade portuguesa ou outra que consomem este tipo de música	93.2% tem outros amigos de nacionalidade portuguesa ou outra que consomem este tipo de música
8. Consumo deste tipo de música em Portugal	94.4% consideram que aumentou	73% consideram que aumentou
9. Géneros que contribuíram para este fenómeno	Morna Rap Funaná Hip-Hop Kizomba Afrodance	Rap Morna Funaná Kizomba Hip-Hop

10. Artistas mais reconhecidos	Mayra Andrade Cesária Évora Tito Paris Djodje Dino D'Santiago Dani Gato, etc.	Cesária Évora Mayra Andrade Djodje Tito Paris Julinho KSD Soraia Ramos, etc.
11. Espaços de música ao vivo	Discotecas Bares Concertos Festivais B.leza Coliseu dos Recreios	Discotecas Festivais Festas/Convívios Bares Concertos B.leza
13. Faixa etária	A maioria (38.9%) com 50-59 anos	A maioria (64.9%) com 16-29 anos

Neste sentido, as semelhanças entre estes dois grupos passam por a maioria, em ambos os grupos, ter alguns amigos de nacionalidade cabo-verdiana, no entanto, no grupo que já esteve no arquipélago, a percentagem de inquiridos que têm muitos amigos de nacionalidade cabo-verdiana é significativamente superior aos que nunca foram às ilhas (de 38.9% para 16.2%), assim como a dos que têm somente alguns amigos cabo-verdianos que é superior no grupo dos inquiridos que nunca foram a Cabo Verde (77% para 52.8%); tanto um como o outro, têm uma baixa quantidade de inquiridos que não tem nenhum amigo cabo-verdiano, o que demonstra que nem sempre é necessária conhecer-se alguém desta nacionalidade para estar em contacto com este tipo de música. No entanto, torna-se óbvia a presença da comunidade imigrante cabo-verdiana em Portugal, uma vez que a esmagadora maioria tem pelo menos alguns amigos de nacionalidade cabo-verdiana, assim como, a importância desta comunidade para a divulgação da música cabo-verdiana. Também, tanto um como outro, consomem este tipo de música no dia-a-dia, embora a percentagem seja superior nos que já estiveram no arquipélago. Também a grande maioria de ambos os grupos dizem ter outros amigos de nacionalidade portuguesa ou outra que consomem este tipo de música (+ de 90% dos inquiridos em ambos), assim como ambos concordam que o consumo deste tipo de música tem vindo a aumentar em Portugal, embora esta opinião esteja mais acentuada nos que já estiveram no arquipélago (94.4%). Também os 4 artistas mais reconhecidos são os mesmos em ambos os grupos, apesar de uns mais mencionados que outros, respetivamente. Também as discotecas foram os locais de música ao vivo cabo-verdiana mais mencionados em ambos os grupos.

Quanto às diferenças, destaca-se que, o contexto dos primeiros contactos para o grupo que já esteve em Cabo Verde foram, na sua maioria, através de familiares cabo-verdianos enquanto, para o grupo que nunca esteve em Cabo Verde, foram através de amigos cabo-verdianos. A

regularidade com que estes inquiridos consomem este tipo de música também difere de um grupo para o outro, sendo que o grupo que já esteve em Cabo Verde ouve tanto frequentemente (41.7%), como raramente (41.7%) e também é o grupo que conta com mais inquiridos que ouvem sempre ou quase sempre; o grupo que nunca foi ao arquipélago distingue-se por mais de metade dos inquiridos ouvirem este tipo de música raramente, no entanto, com uma percentagem ainda significativa de inquiridos que ouvem frequentemente (35.1%). Quanto aos géneros que estes inquiridos consideraram contribuir para o aumento do consumo deste tipo de música em Portugal, apenas diferiram 1 em cada grupo, nomeadamente o *afrodance* nos que já foram ao arquipélago e o *Pop* nos que nunca foram; os restantes foram os mesmos, mas quantidades distintas, sendo que a morna foi a mais mencionada para os que já visitaram as ilhas e o rap para os que nunca foram. Também na faixa etária, distingue-se que a maioria dos inquiridos do grupo que já foi a Cabo Verde compreende as idades entre os 50-59 anos (38.9%), já a do grupo que nunca visitou a ilhas, as idades são, na sua maioria, entre os 16-29 anos (64.9%). Estes dois grupos também diferem nos locais de residência, sendo que o que já esteve em Cabo Verde reside, principalmente, em Lisboa, seguido de Cascais, enquanto o que nunca esteve nas ilhas reside, na sua maioria, em Olhão, seguido de Lisboa.

Dos 204 inquiridos, 46.1% *não estão familiarizados com este tipo de música*. Neste sentido, e dado que o objetivo principal desta dissertação traduz-se na compreensão dos fatores que delinearam a integração da música de língua cabo-verdiana, não originária do arquipélago em Portugal, a contribuição destes inquiridos acaba por se tornar pouco relevante, pelo que se solicitou que preenchessem somente a parte sociodemográfica. Apesar de representarem uma parte considerável dos inquiridos que responderam a este questionário, não estar familiarizado não significa que não consumam indeliberadamente, que não conheçam de todo ou que não se encontre presente no dia-a-dia destes indivíduos, mas sim o facto de não existir uma proximidade suficiente para que estes indivíduos consumam este tipo de música de forma espontânea, que permita reconhecer e nomear os artistas, inclusive os géneros musicais associados, assim como locais que promovam esta música ao vivo. Para além disso, este grupo constituído por 94 inquiridos, distingue-se por uma forte presença do sexo feminino, representando 72.3% dos inquiridos, enquanto apenas 25.5% pertencem ao sexo masculino; mas também pela maioria dos inquiridos residir no Algarve (46,8%), seguidos da AML com 35,1% e 16% do Norte, ao contrário do grupo que estava familiarizado que contou apenas com 4,5% de inquiridos residentes no Norte do país. Quanto à faixa etária, 57.4 % encontram-se na faixa etária entre os 16 e os 29 anos. Em relação à escolaridade, 66% são licenciados (bacharelato). Quanto às profissões, destaca-se as mais comuns, nomeadamente, 27.7% são

professores e 16% estudantes; quanto à condição no trabalho, 63.8% dizem ser trabalhadores por conta de outrem. Em suma, não só este grupo está caracterizado por uma forte presença do sexo feminino, mas também conta com uma significativa percentagem de residentes no Algarve que apesar de ter uma importante comunidade cabo-verdiana, não se compara à força desta no distrito de Lisboa, como já mencionado no capítulo 2.

Conclusões

De forma a responder à pergunta de partida na sua última formulação, nomeadamente, - “*De que forma está a música de língua cabo-verdiana, especialmente a que não é considerada originária do arquipélago, integrada no contexto cultural português e que identidades e eventos fomentaram o seu consumo em Portugal?*” - e a compreender e analisar os contributos para este fenómeno procedeu-se, como já mencionado, à revisão literária sobre o tema em vista, que serviu de contextualização do mesmo; realizou-se uma entrevista com os artistas Djodje e Landim, que permitiu obter uma noção básica da atividade profissional destes, os seus públicos, assim como uma breve opinião sobre o consumo de música de língua cabo-verdiana em Portugal; por último, elaborou-se um questionário online com o objetivo de compreender os públicos ouvintes deste tipo de música, os locais onde é consumida, a opinião dos inquiridos sobre a questão da sua popularização ou o aumento do seu consumo, assim como os fatores contribuintes para este fenómeno.

Para responder à questão secundária - “*Que géneros musicais e músicos contribuíram para essa popularização?*” -, segundo os inquiridos familiarizados com este tipo de música, os 5 principais géneros são o *Rap* (28)⁵⁵, a *Morna* (23), o *Funaná* (20), a *Kizomba* (15) e o *Hip-Hop* (10), o que demonstra a importância do *Rap Crioulo* na popularização da música de língua cabo-verdiana, mas também dos géneros considerados tradicionais que tiveram um papel fundamental numa primeira fase da expressão musical cabo-verdiana em Portugal e que se continua a fazer-se sentir nos dias de hoje. Destaca-se também estas menções, que apesar de uma só vez tornam-se relevantes, nomeadamente, a *Kizomba Cabo Verdiana*, o *Zouk* e *Zouk* de Cabo Verde, que evidenciam, precisamente, a questão da discordância da nomenclatura e da origem deste género, abordada na revisão literária. O rapper Landim menciona, também, o *Rap* e a *Kizomba*;

Quanto aos artistas mais reconhecidos pelos inquiridos que estão familiarizados com este tipo de música, destacam-se os seguintes⁵⁶: Cesária Évora (45), Mayra Andrade (38), Djodje (27), Tito Paris (22), Julinho KSD (15), Dino D’Santiago (13), Soraia Ramos (10), Lura (9), Danni gato (8), Vado Más Ki Ás (7), Gil Semedo (5), Nelson Freitas (5) e Loreta (5)⁵⁷.

⁵⁵ Número de vezes que foi mencionado

⁵⁶ O número apresentado em parêntesis corresponde ao número de menções ou de vezes que foi mencionado

⁵⁷ Não se contabilizou os artistas que foram mencionados menos de 5 vezes

Acrescenta-se ainda que as duas primeiras artistas mais mencionadas foram também as primeiras duas mais referenciadas, tanto no grupo dos que já estiveram em Cabo Verde, tanto como no dos que nunca estiveram, o que na verdade seria expectável, inclusive “(...) a UNESCO (2004) considerou a Mayra Andrade e a Cesária Évora - vencedora de um GRAMMY em 2013 - como as principais artistas cabo-verdianas” (Ferreira, I. 2014, pp. 28). Ainda assim, ressalva-se a importância dos restantes artistas que adotaram géneros musicais não tradicionais do arquipélago e popularizaram-nos na diáspora cabo-verdiana, especialmente, em Portugal e, mais especificamente, nos últimos 15 anos. Djodje assinala também artistas como Cesária Évora, Celina Pereira, Tito Paris, Bana, Dani Silva, Paulino Vieira e outros, como os grandes responsáveis pela introdução e expansão da música cabo-verdiana em Portugal numa fase inicial/introdutória. Já o rapper Landim, menciona artistas como Mayra Andrade, Gil Semedo, Mika Mendes, Gilito, Loreta, Neuza, Elji, Da Blazz, BabyDogg, Chullage, Cesária Évora, Lura e Alberto Koenig.

Relativamente à questão - “*Quais são os locais onde se consome este tipo de música?*” -, foi possível perceber, através das respostas dos inquiridos que estão familiarizados com este tipo de música, que os espaços de consumo de música de língua cabo-verdiana ao vivo são as discotecas (mencionadas 30 vezes), os festivais (20), bares (17), concertos (16) e B.leza (11).

Para responder à pergunta “*Que tipo de público é ouvinte?*”, destaca-se, primeiramente, a perspetiva do artista Djodje, que além de ter uma atividade profissional mais ativa em Portugal, diz-nos que o seu público aqui é constituído, de forma igualitária, por portugueses e cabo-verdianos e que, em média, encontram-se na faixa etária dos 16 aos 40 anos. O rapper Landim, apesar de ter agora uma agenda profissional mais ativa em Cabo Verde, afirma que conta com a presença tanto de cabo-verdianos como de portugueses, principalmente, dos 18 aos 33 anos, maioritariamente do género masculino.

Já os inquiridos, familiarizados com a música de língua cabo-verdiana, caracterizam-se da seguinte forma: 93.6% são portugueses, sendo que 59,1% pertencem ao sexo feminino e 39,1% do sexo masculino; quanto à idade, a maioria, 52,7% encontra-se na faixa etária dos 16 aos 29 anos. Pôde-se perceber que este grupo, é constituído, maioritariamente, por residentes na Área Metropolitana de Lisboa (64,5%) e no Algarve (26,4%), caracteriza-se, maioritariamente, por um público com alguns amigos de nacionalidade cabo-verdiana (69,1%), sendo que cerca de um terço já visitou o arquipélago (32,7%). Apesar da maioria deste grupo ouvir este tipo de música raramente (52,7%), mais de um terço (37,3%) ouve frequentemente, sendo que o

contexto em que consomem essa música é, na sua maioria, no dia-a-dia⁵⁸ (45.5%). Também a esmagadora maioria (93.6%), têm amigos residentes em Portugal de nacionalidade portuguesa ou outra, que não cabo-verdiana ou descendentes diretos, que consomem música de língua cabo-verdiana, assim como a grande maioria, (80%), considera que o consumo deste tipo de música tem vindo a aumentar⁵⁹.

Quanto à questão “*Porque é que este tipo de música se popularizou em Portugal?*”, destaca-se, primeiramente, o contributo de Djodje que salienta a comunidade imigrante cabo-verdiana como força inicial por detrás da criação de um mercado musical cabo-verdiano em Portugal. No entanto, é da opinião de que nos dias de hoje, este tipo de música já se encontra integrada em Portugal e que já existe uma procura significativa por parte dos portugueses. Já Landim acrescenta como fator para este fenómeno o facto “hoje em dia muitos portugueses percebem o crioulo e, inclusive, praticam-no nos bairros, nas comunidades e minorias menos inseridas na sociedade”, o que de forma indireta vai de encontro à presença da grande comunidade imigrante cabo-verdiana e à própria disseminação da cultura cabo-verdiana a partir dos locais de fixação destes imigrantes. Landim afirma ainda que desde 2008 até 2016 houve uma altura em que se sentiu a música cabo-verdiana como uma tendência e onde sente que o rap crioulo teve o seu maior destaque. Menciona também o surgimento das plataformas digitais como catalisadores no acesso a novos públicos, o que permitiu uma internacionalização da música cabo-verdiana. Já os inquiridos justificaram o aumento do consumo desta música indicaram, principalmente, pela presença nas rádios, pela presença e divulgação nas plataformas digitais e redes sociais, pela presença de artistas cabo-verdianos em Portugal, assim como pelo aumento da comunidade imigrante cabo-verdiana em Portugal, pela presença na vida noturna (bares, discotecas, concertos), principalmente, nos jovens e pela aparente “moda” associada a este tipo de música.

Em suma, tendo em conta os dados obtidos ao longo da investigação, e de forma a responder à questão de investigação – “*De que forma de língua crioula cabo-verdiana, não tradicional do arquipélago, integrada no contexto cultural português e que identidades e eventos contribuíram para a sua popularização em Portugal?*” - pode-se afirmar que a música de língua cabo-verdiana se encontra, não só integrada, mas enraizada no contexto cultural português, sendo que diversas identidades e eventos detiveram um importante papel na fomentação da sua integração e popularização no contexto cultural português, principalmente, em Lisboa onde

⁵⁸ (através de playlists, CD, rádio, plataformas de música, etc.)

⁵⁹ As justificações dadas pelos inquiridos para esta afirmação já foram mencionadas anteriormente

existe uma maior comunidade cabo-verdiana. Como principal contributo para este fenómeno destaca-se, primeiramente, um dos elementos que se considera essencial para esta popularização, nomeadamente, a presença de uma grande comunidade imigrante cabo-verdiana em Portugal que acaba por criar, principalmente, na AML uma extensão do “arquipélago migratório” (Góis, 2008, p. 18) cabo-verdiano. Considera-se também que as medidas de promoção para as indústrias criativas no âmbito da CPLP, mais especificamente, através da divulgação da música desta comunidade nas rádios nacionais (sem excluir a qualidade musical apresentada) detiveram um importante papel na comercialização desta música em Portugal. Destaca-se também, no grupo de inquiridos que estão familiarizados com este tipo de música, os elementos de introdução à música cabo-verdiano mais comuns, nomeadamente, os amigos cabo-verdianos (28.2%), a rádio (19.4%), os familiares cabo-verdianos (11.8%) e amigos de nacionalidade portuguesa (11.8%).

De facto, chega-se à conclusão de que a música cabo-verdiana está fortemente integrada no contexto cultural português, contando não só com a presença dos géneros mais tradicionais, tais como o Funaná, a Morna e o Batuku⁶⁰, mas também de géneros não tradicionais do arquipélago com os quais a música cabo-verdiana tem vindo a conquistar o público português nos últimos anos. Assim, numa primeira fase, teve como contributo para este fenómeno a presença de uma grande e antiga comunidade imigrante cabo-verdiana em Portugal que, desde cedo, se estabeleceu em Lisboa e arredores e que deu a conhecer a sua cultura, mais especificamente, a língua e a música, com os artistas mais clássicos, assim como os géneros considerados tradicionais, nomeadamente Cesária Évora, Tito Paris, Bana, Mayra Andrade, etc; juntamente, com o *Funaná*, o *Batuku*, a *Koladera* e a *Morna*. Numa segunda fase, e principalmente devido às novas plataformas digitais, a música cabo-verdiana ganhou um novo contexto e podemos encontrar, atualmente, outros géneros musicais que não são considerados tradicionais do arquipélago, popularizados na língua cabo-verdiana em Portugal, tais como o *Rap Crioulo*, a *Kizomba* ou *Zouk*, o *Afrohouse*, o *Drill*, entre outros, assim como novas gerações de artistas cabo-verdianos ou luso-cabo-verdianos, presentes no mercado cultural português, tais como Mayra Andrade, Djodje, Julinho KSD, Dino D’Santiago, Soraia Ramos, Vado Más Ki Ás, Mc Prego Prego, Nelson Freitas, Loreta, Landim, Dani Gato, Neyna, Apollo G, Nex Supremo, Ghoya, Rafa G, Mc Tranka Fulha, Neyna, entre outros.

⁶⁰ Este aspecto também é evidenciado na letra do tema “Tempo Antigo” de Apollo G: “kel tempo era só batuku e funaná” (Naquele tempo era só batuque e funaná).

Referências Bibliográficas

- Brito, Margarida. (1998). *Breves Apontamentos sobre as Formas Musicais existentes em Cabo Verde*. <http://alfarrabio.di.uminho.pt/cancioneiro/etnografia/margaridaBrito-formascv.doc.html>
- Bryman, A. (2012). *Social Research Methods*. Oxford: Oxford University Press.
- Campenhoudt, L. V. & Quivy, R. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Gradiva.
- Cidra, R. (2011). *Música, Poder e Diáspora. Uma Etnografia e História entre Santiago, Cabo Verde, e Portugal* [Tese de doutoramento, FCSH – Universidade NOVA]. Repositório Universidade NOVA. <http://hdl.handle.net/10362/13861>
- Ferreira, I. J. D. (2014). *Cabo Verde, Economias Criativas, que benefícios para o país?* [Dissertação de Mestrado, ISCTE-IUL]. Repositório do ISCTE. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/9425>
- Ferro, L., Raposo, O., Cordeiro, G., Lopes, J. T., Veloso, L., Nico, M., Abrantes, M., Abrantes, P., Varela, P., Bento, R. & Caeiro, T. (2016). *O Trabalho da Arte e a Arte do Trabalho: Circuitos Criativos de Artistas Imigrantes em Portugal* (1ª edição). Alto Comissariado para as Migrações.
- Góis, P. (2006). *Emigração Cabo-verdiana para (e na) Europa e a sua Inserção em Mercados de Trabalho Locais: Lisboa, Milão, Roterdão* (1ª edição). Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas. https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/179891/5_PG.pdf/2fc2a5b7-4010-4f00-9e2f-c53ab8173742
- Góis, P. (2008). *Comunidade(s) Cabo-Verdiana(s): As Múltiplas Faces da Imigração Cabo-Verdiana* (1ª edição). Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural. https://www.om.acm.gov.pt/documents/58428/179693/2_comunidades_cabo_verdianas.pdf
- Machado, F. (2009). Quarenta anos de imigração africana: um balanço. *Ler História*, 56, 135-165. <https://doi.org/10.4000/lerhistoria.1991>
- Monteiro, C. (2009). Músicos imigrantes cabo-verdianos na Área Metropolitana de Lisboa: perfis, trajectos e contactos transnacionais. Centro de Investigação e Estudos de Sociologia. Repositório do ISCTE. <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1518>
- Monteiro, C. (2009). *Campo musical cabo-verdiano na área metropolitana de Lisboa: Protagonistas, identidades e música migrante*. [Tese de doutoramento, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório ISCTE. <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2787/1/C%c3%89SAR%20MONTEIRO%20-%20TESE%20DOUTORAMENTO%20ISCTE%204-12-09.pdf>
- Nogueira, G. (2020). *Músicas e Danças Europeias do Século XIX em Cabo Verde: Percurso de uma apropriação* [Tese de doutoramento, Universidade de Coimbra]. Repositório Científico da UC. <http://hdl.handle.net/10316/95322>
- O'Connor, H., & Madge, C. (2017). *Online interviewing. The SAGE handbook of online research methods*. Sage.
- Peters, C. (2017). *How to design and analyse a survey*. https://canvas.ucdavis.edu/files/1243114/download?download_frd=1
- Santos, J., Mendes, M., Rego, C. & Magalhães, M. (2009, julho 6-11). *Imigrantes cabo-verdianos em Portugal: integração e sua percepção em relação aos portugueses* [Trabalho apresentado] 2º Congresso Lusófono de Ciência Regional, Cidade da Praia, Cabo Verde. Repositório Comum. <http://hdl.handle.net/10400.26/20090>

Veiga, S. (2012). *Os Emigrantes Cabo-Verdianos em Portugal: Identidade Construída*. [Trabalho de Projeto de Mestrado, FCSH – Universidade NOVA]. Repositório Universidade Nova. <https://run.unl.pt/bitstream/10362/8104/1/sandra.pdf>

Webgrafia

- Centro Nacional de Cultura. (2023). *Loony Johnson leva Cabo Verde ao Coliseu dos Recreios com vários convidados especiais*. <https://www.e-cultura.pt/evento/35673>
- Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. *Programas Estratégicos de Cooperação*. <https://www.instituto-camoes.pt/activity/o-que-fazemos/cooperacao/atuacao/programamos/programa-estrategico-de-cooperacao>
- Camões – Instituto da Cooperação e da Língua, I.P. *Memorando de Entendimento Portugal – Cabo Verde PEC 2022-2026*. https://www.instituto-camoes.pt/images/cooperacao/Programa_Estrat%C3%A9gico_Coopera%C3%A7%C3%A3o_o_PEC_Portugal - Cabo Verde 2022-2026.pdf
- Comunidade Cultura e Arte. (2022, outubro). *Mayra Andrade dá concertos em Lisboa, Porto, Leiria e Coimbra*. <https://comunidadeculturaearte.com/mayra-andrade-da-concertos-em-lisboa-porto-leiria-e-coimbra/>
- Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. *Histórico – Como Surgiu?* <https://www.cplp.org/id-2752.aspx>
- Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. *Objetivos*. <https://www.cplp.org/id-2763.aspx>
- Diário de Notícias. (2023, agosto 16). *Madonna celebra 65º aniversário em Lisboa*. <https://www.dn.pt/cultura/madonna-celebra-65-aniversario-em-lisboa-16866343.html>
- Festival Iminente. (2023, outubro 14). *Programa*. <https://www.festivaliminente.com/programa>
- Graça, Denis. (2019, abril 1). Povo de Cabo-Verde, Cabo-Verdianos na Diáspora, colegas músicos e demais interessados: Partilho convosco a carta da minha renúncia à CVMA. [Estado atualizado]. Facebook. https://www.facebook.com/denisgracaofficial/posts/10157204938229108?tn=K-R&hc_location=ufi
- Porto Editora – *Cabo Verde* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-05-17 16:41:02]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$cabo-verde](https://www.infopedia.pt/$cabo-verde)
- Porto Editora – *familiaridade* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-08-23 11:37:14]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/familiaridade>
- Porto Editora – *moda* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-08-27 14:49:21]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/moda>
- RTP (2022, agosto 08). Ep. 11 [Filipa e Simão têm um plano que parece perfeito, mas algo de imprevisto acontece e o resultado é um falhanço total. Cristina já vive na Madragoa com Nando e adora. Simão transtornado pelo falhanço afasta-se de Filipa e ameaça Eduardo]. RTP Play. <https://www.rtp.pt/play/p10551/e636425/por-do-sol>
- RTP (2022, agosto 08). Ep. 11 [Salomé descobre a felicidade. Simão prepara-se para um desafiante combate contra alguém que jurou vingar-se. Voltou a paz à Madragoa. A harmonia da família Bourbon de Linhaça surge pela mão de Madalena]. RTP Play. <https://www.rtp.pt/play/p10551/e638289/por-do-sol>
- RTP (2022, agosto 08). Ep. 10 [Salomé cura Eduardo do seu estado vegetativo. Confrontado com a presença constante de Salomé, António entrega-se ao álcool. Filipa e Simão, entregues a uma paixão tórrida, têm um novo alvo para a sua vingança]. RTP Play. <https://www.rtp.pt/play/p10551/e636102/por-do-sol>
- Silva, M. (2023, julho 19). Cape.verdean. <https://www.instagram.com/reel/Cu5O1PLPj/?igshid=MzRlODBiNWFIZA==>

The World Bank. (2023, março). Cabo Verde Aspetos Gerais.
<https://www.worldbank.org/pt/country/caboverde/overview#1>

Anexos

- **Anexo A - Entrevista com Djodje**

Esta entrevista está a ser realizada no âmbito de uma dissertação em Estudos e Gestão da Cultura, no ISCTE, com o título “A música de língua cabo-verdiana em Portugal e a sua integração no contexto cultural português: Protagonistas, Públicos e Contribuições” e tem como objetivo compreender o percurso individual do artista entrevistado, as dinâmicas da sua atividade profissional, os lugares onde atua, os seus públicos e uma opinião pessoal sobre o consumo de música de língua cabo-verdiana em Portugal.

Entrevista com Djodje

1. Primeiramente, *fala-nos um bocadinho sobre o teu percurso. Que idade tens, onde é que nasceste, onde é que cresceste, onde é que estudaste e até quando, onde é que moras agora, etc.*

R: Tenho 34 anos, nasci na cidade da Praia e cresci entre Bissau, Mindelo e Praia. Estudei nessas três cidades, mas maioritariamente na cidade da Praia até o 12.º ano e em 2007 mudei-me para Lisboa onde vivo desde então.

2. *Os teus pais são ambos cabo-verdianos?*

R: Sim.

3. *Como é que entraste no mundo da música?*

R: Eu sou oriundo de uma família de músicos, portanto “nasci dentro da música” e ela faz parte de mim desde sempre.

4. *Sabes indicar uma média de concertos/shows que dás por ano?*

R: Em média faço 40 concertos por ano, às vezes mais.

5. *Dás mais concertos em Portugal ou em Cabo Verde?*

R: Mais em Portugal

6. *Em Portugal, quais são os distritos onde dás mais concertos?*

R: Lisboa, Algarve, Setúbal

7. Sei que dás concertos noutras países também. Em que países realizas mais concertos? Achas essencial a presença de cabo-verdianos nesses países para lá chegares?

R: Estados Unidos da América, França, Suíça, Luxemburgo, Angola, Moçambique, Holanda, enfim. Com certeza a presença das comunidades cabo-verdianas e dos PALOP nesses países influenciam a minha presença nesses mercados.

7. Em Portugal, o teu público é constituído maioritariamente por cabo-verdianos ou por portugueses?

R: Posso dizer que é 50/50.

8. O teu público é, geralmente, de que faixa etária?

R: em média dos 16-40.

9. Achas que o facto de cantares maioritariamente em crioulo prejudica-te na tua acessibilidade ao público português e o respetivo consumo da tua música por parte do mesmo ou sentes que o crioulo não é uma barreira para o teu público em Portugal?

R: Acho que limita um bocadinho, mas penso que quando a música é boa torna-se transversal como já aconteceu com várias músicas minhas. Mas também sei que quando canto em português, à partida a música tem mais potencial de ser consumida pelo público português.

10. Achas que a música cabo-verdiana tem vindo a conquistar o seu terreno no mercado e público português, ou seja, que tem havido um aumento do consumo da música de língua cabo-verdiana junto da comunidade portuguesa ou achas que se tem mantido e acaba por ser mais a comunidade imigrante cabo-verdiana que é a força motora por detrás da procura e responsável pela criação de um espaço no mercado português para os artistas cabo-verdianos?

R: Numa fase inicial foi sim a comunidade cabo-verdiana a impulsionar o consumo da música cabo-verdiana pelos portugueses como é natural, mas acho que hoje em dia já existe uma abertura natural por parte do público português para a nossa música e quando ela é boa toca logo.

11. No caso do primeiro cenário: por que é que achas que isso aconteceu e desde quando é que sentes esse aumento do público ouvinte português? Que tipo de música e artistas é que achas que contribuíram para isso?

R: A música cabo-verdiana sempre foi muito bem aceite pela comunidade PALOP e pelos portugueses, a nossa música tem muita qualidade e isso sempre foi reconhecido. Com certeza artistas como Cesária Évora, Celina Pereira, Tito Paris, Bana, Dani Silva, Paulino Vieira, entre outros, foram os grandes responsáveis pela introdução e expansão da música cabo-verdiana em Portugal numa primeira fase.

12. *Pessoalmente, gostei muito do tema “Vamos Fugir” com a Cuca Roseta, além de ser uma música lindíssima, acho que é uma representação perfeita daquilo que se tenta evidenciar aqui; uma fusão da cultura cabo-verdiana com a cultura portuguesa. Foi a primeira vez que trabalharam juntos? Como é que nasceu este tema e como é que surgiu a ideia de trabalharem juntos?*

R: Sim, foi a primeira vez. Eu compus a música e enviei a Cuca ela ouviu e gostou da ideia da fusão entre os dois estilos, assim nasceu a nossa parceria.

13. *Queres acrescentar algum aspeto que consideres importante e que não foi aqui abordado?*

R: Djodje Marta

- **Anexo B – Entrevista com Landim**

1. *Fala-nos um pouco sobre o teu percurso. Que idade tens, onde é que nasceste, onde é que cresceste, onde é que estudaste e até quando, onde é que moras agora, a tua influência cabo-verdiana, etc.*

R: Landz, 33 anos, nascido em Cascais, Matarraque. Ghetto. Primeiros anos de vida aí difíceis, depois melhor em Mem-Martins, bairro social. Aqui estudei até ao 11º ano do ensino secundário em Artes Visuais, que deixei por concluir. Minha influência cabo-verdiana vem da minha família, dos meus amigos, maior parte cabo-verdianos ou filhos de.

2. *Como é que entriste para o mundo da música?*

R: Entrei na música através do meu irmão mais velho, Paulo, que era e é até hoje, um ferrenho adepto de rap, hip-hop. Tudo o que ele consumia, automaticamente ficava registado na minha jovem mente. Daí nasceu o bichinho da música. Mais tarde, tive chance de conhecer o estúdio do grupo Da Blazz e lá pude fazer as minhas primeiras músicas, sob mentoria do meu amigo Vatta.

3. Sabes indicar uma média de concertos/shows que dás por ano?

R: Nunca fiz uma estimativa anual, mas penso que seja à volta de 10/20 shows por ano.

4. Dás mais concertos em Portugal ou em Cabo Verde?

R: Neste momento, tenho mais mercado em Cabo Verde, mas antes era o oposto.

5. Em Portugal, quais são os distritos onde dás mais concertos?

R: Lisboa, Porto, Algarve, Braga.

6. Sei que dás concertos noutras países também. Em que países realizas mais concertos?

Achas essencial a presença de cabo-verdianos nesses países para lá chegares?

R: França e Suíça. Sim, diria que a maior parte do público nesses países são cabo-verdianos emigrados ou portugueses inseridos na cultura cabo-verdiana, também emigrados.

7. Em Portugal, o teu público é constituído maioritariamente por cabo-verdianos ou por portugueses?

R: Ambos, felizmente.

8. O teu público é, geralmente, de que faixa etária?

R: 18-24 e 24-33 anos, maioritariamente do género masculino.

9. Porque é que preferes o crioulo ao português para te expressares musicalmente?

R: Penso que esteticamente e musicalmente falando, permite-me explorar outras texturas e obter uma sonoridade única e característica. Tradicionalmente falando, acho que é importante manter o dialeto e a identidade criola viva através de várias formas de expressão.

10. Achas que o facto de cantares maioritariamente em crioulo prejudica-te na tua acessibilidade ao público português e o respetivo consumo da tua música por parte do mesmo ou sentes que o crioulo não é uma barreira para o teu público em Portugal?

R: Sim, para quem não convive com o crioulo ou com a cultura cabo-verdiana no seu dia-a-dia fica mais difícil conquistar esse público, ou diria, leva mais tempo, devido ao facto de não conhecerem ou não entenderem a língua crioula. Essa questão depois reflete-se no número de visualizações nas plataformas, nos concertos que temos, ou que não temos, reflete-se na longevidade da vida do artista como artista em si, porque ao final do dia temos de fazer para

sobreviver financeiramente se quisermos continuar a viver desta e de outras formas de arte. Sublinhar que tudo depende da qualidade da arte, e não a língua ou instrumentos em que é praticada, apesar de nem todos pensarem assim.

11. *Consideras que o teu sucesso no Rap crioulo e a tua influência no público cabo-verdiano em Portugal acabou por te aproximar do público português?*

R: Sim, e vice-versa. O impacto aqui na indústria em Portugal e Europa fora, conseguiu atrair a atenção do público cabo-verdiano e estabelecer o meu estatuto enquanto artista no nosso país.

12. *Achas que o consumo de música de língua cabo-verdiana, por parte dos portugueses, tem vindo a aumentar ou a diminuir?*

R: Sim, tem aumentado muito, até porque hoje em dia muitos portugueses percebem o crioulo e, inclusive, praticam-no nos bairros, nas comunidades e minorias menos inseridas na sociedade, a nossa música e “mensagem” nela implícita faz o quotidiano de muitos ouvintes.

13. *Achas que houve alguma altura em que sentiste que a música de língua cabo-verdiana estava a ficar uma tendência, uma possível moda em Portugal? Se sim, porque é que achas que isso aconteceu e quando.*

R: Sim, em meados de 2008 para 2015, 2016 houve ali uma altura em que o rap “tuga” estava um pouco pobre. Nessa altura, o rap crioulo teve o seu maior destaque e acho que, nessa época, conseguimos tomar a liderança no que toca a material musical, temas, conceitos, mobilização das palavras e das pessoas, tornar aquilo que se canta em realidade e também o contrário. O surgimento das plataformas sociais permitiram-nos chegar a mais gente, nova gente, transformando esses novos ouvintes. Os números não mentem. Acho que nessa época marcámos a diferença que se sente até hoje.

14. *Que tipo de música e artistas é que achas que contribuíram para a existência de um espaço no mercado cultural português para a música cabo-verdiana?*

R: Rap e Kizomba: Mayra Andrade, Gil Semedo, Mika Mendes, Gilito, Loreta, Neuza, Elji, Da Blazz, BabyDogg, Chullage, Cesária Évora, Lura, Alberto Koenig, todos estes e muitos outros tiveram um papel importantíssimo na globalização da língua crioula e na sua respectiva e diversa musicalidade.

15. *Queres acrescentar algum aspeto que consideres importante e que não foi aqui abordado?*

R: Era também importante referir que o retorno financeiro nem sempre é recíproco ao investido, mas continuamos a fazer música na mesma, e qualquer outro tipo de arte, pela sua importância cultural e humanitária. Obrigado pelas perguntas, espero ter sido célere nas respostas. É nos!

- **Anexo C - Inquérito sobre consumos da música de Língua Cabo-Verdiana em Portugal**

Este questionário, elaborado no âmbito da dissertação "A Música de Língua Cabo-Verdiana e a sua Integração no Contexto Cultural Português: Protagonistas, Públicos e Contribuições" inserida no mestrado de Estudos e Gestão da Cultura no Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, tem como objetivo compreender a familiaridade e proximidade dos inquiridos com a música de língua cabo-verdiana, desde o contexto do primeiro contacto aos hábitos de consumo da mesma e destina-se a todos os portugueses e imigrantes, que não cabo-verdianos ou descendentes diretos, com uma permanência igual ou superior a 1 ano em Portugal.

O questionário é anónimo e os dados recolhidos têm como único fim a investigação académica em curso. Para o devido efeito, solicita-se que responda de forma espontânea e honesta, e agradece-se, desde já, a sua disponibilidade e colaboração neste estudo.

1. Está familiarizado/a com a música de língua cabo-verdiana?

- Sim
- Não

Relação com a música de língua cabo-verdiana

2. Já esteve em Cabo-Verde?

- Sim
- Não

3. Tem amigos de nacionalidade cabo-verdiana ou de descendência cabo-verdiana?

- Sim, muitos
- Sim, alguns
- Não tenho

4. Em que contexto aconteceram os primeiros contactos com a música de língua cabo-verdiana?

(Caso selecione a opção "Outro:", por favor, especifique no espaço à frente da opção)

- Rádio
- Canais de música
- Programas de televisão
- Através de amigos de nacionalidade portuguesa
- Através de amigos de nacionalidade cabo-verdiana (considera-se aqui os portugueses com descendência cabo-verdiana)
- Através de familiares de nacionalidade portuguesa
- Através de familiares de nacionalidade cabo-verdiana (considera-se aqui os portugueses com descendência cabo-verdiana)
- Discotecas
- Concertos/Festivais
- Em Cabo-Verde (turistas e emigrantes)
- Outro

5. Com que regularidade ouve música de língua cabo-verdiana?

- Raramente
- Frequentemente
- Sempre ou quase sempre que ouço música

6. Em que contexto(s) consome essa música?

(Caso selecione a opção "Outro:", por favor, especifique no espaço à frente da opção)

- No dia-a-dia (através de playlists, CD, rádio, plataformas de música, etc.)
- Num contexto de diversão noturno (discotecas/bares)
- Num contexto social, com amigos ou familiares de nacionalidade portuguesa
- Num contexto social, com amigos ou familiares de nacionalidade ou descendência cabo-verdiana
- Outro

7. Tem amigos residentes em Portugal de nacionalidade portuguesa ou outra, que não cabo-verdiana ou descendentes diretos, que consomem música de língua cabo-verdiana?

- Sim
- Não

Sobre a música de língua Cabo-verdiana em Portugal

8. Como considera o lugar que a música de língua cabo-verdiana tem vindo a ocupar no mercado cultural português e na procura por parte dos portugueses? Tem vindo a aumentar? A diminuir? Por favor, justifique.

9. Se considera que tem vindo a aumentar, que género/s musicais de língua cabo-verdiana considera ter contribuído para esta moda/aumento de consumo deste tipo de música? (Se não considera que tem vindo a aumentar, escreva "não se aplica")

10. Por favor, mencione até 3 artistas cabo-verdianos.

11. Por favor, mencione até 3 espaços onde mais consome música de língua cabo-verdiana ao vivo.

12. Gostaria de acrescentar algo que considere relevante sobre o tema e que não tenha sido mencionado?

Caracterização Sociográfica

13. Sexo

- Feminino
- Masculino
- Não responde

14. Idade

15. Qual o grau de escolaridade mais elevado que concluiu?

- Sem grau de escolaridade
- 1º ciclo (antiga 4º classe) ou 2º ciclo do ensino básico (antigo preparatório)
- 3º ciclo do ensino básico (antigo 9º ano)

- 12º ano (secundário / antigo 7º ano do Liceu)
- Curso profissional
- Licenciatura (bacharelato)
- Mestrado
- Doutoramento
- Não responde

16. Profissão

(Por favor, descreva a sua profissão evitando expressões como “função pública” ou “militar”. Se for reformado, aposentado ou desempregado, indique por favor a última profissão exercida)

17. Condição na profissão

Por favor, selecione todas as que se aplicam:

- Trabalhador por conta própria com pessoal ao serviço
- Trabalhador por conta própria sem pessoal ao serviço
- Trabalhador por conta de outrem
- Desempregado
- Estudante
- Reformado, aposentado ou na reserva
- Ocupa-se das tarefas do lar/ Doméstico
- Não responde

18. Nacionalidade

(Caso selecione a opção "Outro:", por favor, especifique no espaço à frente da opção)

19. Residência - Indique, por favor, o seu concelho de residência.

